

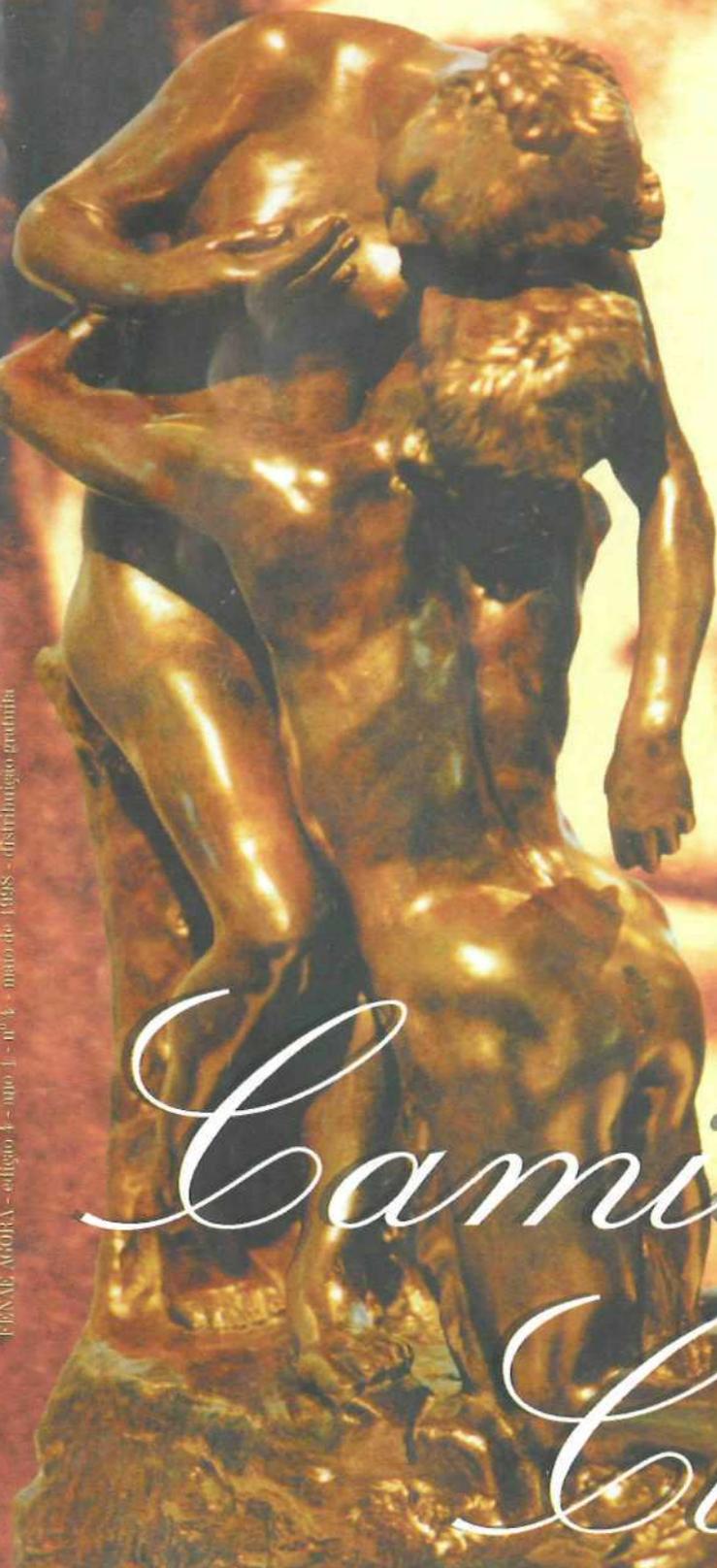


"Bolão" da FENAE  
Copa do Mundo

Ganhe um final de semana  
em qualquer capital do país

# AGORA

FENAE



*Camille  
Claudel*

# FENAE



Há 27 anos voando alto  
e rompendo fronteiras

Publicação da FENAE -  
Federação Nacional das Associações  
do Pessoal da Caixa Econômica Federal

#### Administração e redação:

Setor Comercial Sul, quadra 1, edifício União,  
6° andar, Brasília/DF, CEP: 70300-901  
Telefone: (061) 323-7516  
Fax: (061) 325-6057  
Telex: (061) STM400-Caixa Postal 33794  
Homepage: www.fenae.org.br  
E-mail (Internet): fenae@fenae.org.br  
(Alternex): fenae@ax.ibase.org.br  
(Imprensa): imprensa@fenae.org.br

#### Diretoria Executiva

Presidente:  
Carlos Caser  
Vice-Presidente:  
José Francisco Zimmermann  
Diretor Financeiro:  
Carlos Borges  
Diretor de Relações no Trabalho:  
João Alberto Garcia Moschkovich  
Diretor Administrativo:  
Admilson dos Santos Canuto  
Diretor de Esportes:  
Jorge Cruz Marcai  
Diretor Cultural:  
Emanoel Souza de Jesus  
Suplente: José Durval Fernandes Reis

#### Conselho Fiscal

Orlando Martins Pinto  
Jesus Rodrigues Alves  
Cláudio Pimentel Corrêa

#### Suplentes

Danilo Aguilar Ferreira  
Bernadete Santos de Aquino

#### Conselho Deliberativo Nacional

Presidente: Jorge Peixoto de Mattos  
Vice-Presidente: Maria Auxiliadora de Almeida Gama  
Secretária: Francisca de Assis Araújo Silva

**Editon** Afonso Costa (MTb - RJ 16.234)

**Redação:** Antônio José, Evandro Peixoto,  
Mareio Sardi e Jaime Deconto

**Colaboradores:** Aloysio Biondi, Janio de Freitas,  
Tárik de Souza, Adacir Reis.

**Diagramação:** Alexandre Henrique Parreira

**Ilustração:** Lisarb

**Fotolito:** Prelo

**Impressão:** Bangraf

**Tiragem:** 75 mil exemplares

Os artigos assinados são de  
responsabilidade dos seus autores  
Distribuição gratuita

## A 'beleza resiste

**P**aixão, talento, genialidade, loucura, vanguardismo. A bela e revolucionária Camille Claudel não cabe em adjetivos. Brilhante escultora, a primeira da história da humanidade, estremeceu no início do século com seu mestre e amante Auguste Rodin. Desde então emocionou a todos que tem oportunidade de admirar sua obra, para muitos superior à do professor.

Camille expressou em suas esculturas toda a angústia, amor e pioneirismo que a motivam. As obras-primas "Suplicante" e "Idade da razão" são a expressão do sentimento que nutria por Rodin, constantemente enovado pela relação dele com sua mulher, que "ameaçava" a felicidade de Claudell. As pressões da sociedade, o abandono do amante, o temperamento irascível e a sensibilidade ímpar a

levaram a viver até a morte, seus últimos 30 anos, em um hospício.

Essa personagem mágica que levamos a você nesta edição também não teria espaço no Brasil em que vivemos hoje em dia. Nosso país, ainda que um dos favoritos para vencer a Copa do Mundo, enfrenta uma crise social sem precedentes. Infelizmente as "cinco metas que elegemos para nosso programa de governo ... os pontos fundamen-

tais para começar a resgatar a imensa dívida social do nosso país para com o seu povo", não estão acontecendo.

O programa Brasil em Ação não vem cumprindo as metas a que se propôs. Apesar das profundas mudanças que o governo federal vem implantando no país, nenhuma delas vai na direção do que foi proposto na campanha eleitoral. O discurso moderno, lamentavelmente, é sustentado pela velha prática de realizar obras, com apenas um diferencial: a maioria beneficia o empresário. O caso das estradas é escandaloso. O governo está investindo milhões de reais na recuperação das rodovias para, depois disso, entregá-las para a iniciativa privada lucrar com pedágios pagos por nós, contribuintes.

Apesar desse sufoco que vive a sociedade brasileira, a gente sempre encontra um jeito para dar a volta por cima. Melhor exemplo disso foi a realização do VI Fenec - Festival de Música dos Empregados da Caixa, em João Pessoa (PB). Suavidade, poesia, beleza e confraternização marcaram esse encontro dos empregados, realizado graças aos esforços da FENAE, APCEF/PB, demais associações e associados, que mantêm o espírito livre em busca de uma vida melhor.

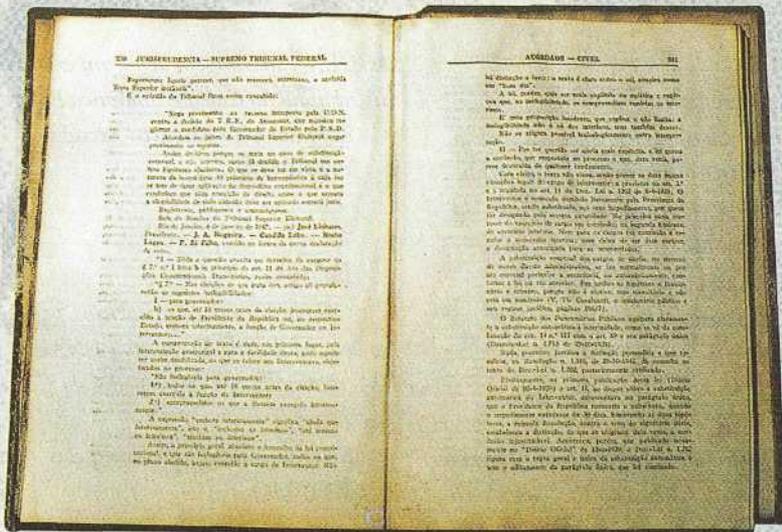
Paixão, talento  
e genialidade.

Assim era  
Camille Claudel



# Incunábulo medieval

Os portugueses estão desenvolvendo um projeto ambicioso pára resgatar seus autores literários desde a Idade Média. O Projecto Vercial leva este nome em homenagem a Clemente Sanches de Vercial, clérigo galego que escreveu várias obras entre os séculos XIV e XV Seu livro mais famoso, o Sacramental, foi proibido pela Inquisição e destruído no século XVI. Impresso em 1488, é o primeiro livro em língua portuguesa - publicação impressa antes de 1500 recebe o nome de incunábulo.



# Salvo da fogueira

Por falar na santa Inquisição, o maior orador católico que já pisou as terras tupiniquins, quem diria, quase acabou na fogueira. A Congregação para a Doutrina da Fé, em 1663, condenou o padre Antônio Vieira à "privação de pregar de voz ativa e passiva para sempre e à reclusão por tempo indeterminado numa casa da Companhia de Jesus". O crime? Meter-se em assuntos "superiores à sua capacidade"; A sentença foi lida publicamente e, para demonstrar seu apoio ao mestre, os demais confrades jesuítas se levantaram com Vieira para ouvi-la. Exatos 12 anos depois, o próprio sacerdote conseguiu sua absolvição no Vaticano.

# Que bonito é...

Em ritmo de contagem regressiva, o site da Copa do Mundo criado pelo provedor Universo Online (<http://www.uol.cqm.br/esporte/copa>) traz informações atualizadas sobre o torneio da França. Nele, é possível conhecer detalhes dos primeiros adversários do Brasil. O site contém ainda mapas, informações turísticas e dados sobre as cidades que sediam a competição.

# Bola da vez

Aos poucos, a Ghina concretiza sua re-uni-ficação. Depois de Hong Kong, é a vez de Macau ser reincorporado. Enclave pertencente a Portugal, Macau será devolvido aos chineses no ano que vem. Porém, vai

manter o status de enclave capitalista, assim como Hong Kong, para servir de "laboratório" de reformas econômicas e porta de entrada a, literalmente, negócios da China. O governo de Pequim, agora, volta sua atenção sobre Formosa - no jargão do mundo ocidental capitalista, a China nacionalista. Sobre Macau, a homepage oficial é <http://www.macau.gov.mo>.

# Sobrevivência

Em plena era da computação, o xamanismo ainda pode ser encontrado entre populações da Sibéria, Ásia polar, América, Oceania e ilhas da Indonésia. Cultuados por povos de pescadores, caçadores, pastores e criadores, em geral nômades, os xamãs se diferenciam dos demais curandeiros e feiticeiros pela chamada "experiência do êxtase", em que o espírito abandona o corpo para vi-agens cósmicas.

# Lista de adoção

Ao abrir o site <http://wwaup.drg/lista/pr8155.htm>, o internauta se depara com um instigante pedido: "adote um povo malaio". Perto de 60 mil malaios da etnia sabah, pescadores e agricultores, vivem na costa deste estado homônimo, pertencente à Malásia. Por falarem uma língua diferente do restante do país e terem costumes próprios, os nativos de Sabah são discriminados, em que pese o propagado esforço do governo local em integrá-los à economia. O pedido para adotá-los parece apelo humanitário, mas é apenas mais uma faceta de verdadeira "guerra santa" pela cristianização desse povo, muçulmano em sua maioria. 



## Dos LEITORES

### **Interesse**

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul comunica o recebimento da revista FENAE AGORA e informa que a publicação despertou interesse nos usuários da biblioteca da UFMS.

Lúcia Regina Vianna Oliveira  
Campo Grande/MS

### **Comunicação**

O Sindicato dos Servidores do Departamento de Polícia Federal do Rio Grande do Norte acusa o recebimento das edições 1 e 2 da FENAE AGORA e parabeniza essa conceituada Federação pela idealização de tão importante meio de comunicação.

Francisco Sérgio Bezerra Pinheiro  
Natai/RN

### **Conteúdo**

Somos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João D'Aliança, em Goiás, e estamos interessados em continuar recebendo FENAE AGORA. Analisando o conteúdo da revista, observamos que existem informações importantíssimas para nossa formação. Parabenizamos a diretoria da FENAE pela brilhante idéia da atual publicação e nos sentimos honrados em receber seus exemplares, que sem dúvida serão úteis para nosso trabalho junto à organização dos trabalhadores rurais.

Ivanete Carvalho da Costa e  
Joaquim de Moura Filho  
São João D'Aliança/GO

### **Cumprimentos**

Acuso recebimento de exemplar da revista FENAE AGORA, publicada por essa Federação. Com os meus cumprimentos.

Maguito Vilela,  
governador-Goiânia/GO

### **Agradecimento**

Agradeço recebimento revista FENAE

AGORA, com tiragem de 75 mil exemplares distribuídos na Caixa Econômica Federal.

Senador José Roberto Arruda  
PSDB/DF

### **Destino**

Com os meus cumprimentos, parabênizo pela qualidade da revista FENAE AGORA, destinada aos empregados da Caixa de todo o país.

Senadora Regina Assumpção  
PTB/MG

### **Sucesso**

Com satisfação recebo exemplar da revista FENAE AGORA. Parabênizo pela excelente qualidade da publicação, desejando sucesso para esse novo projeto dessa Federação.

Dep. Etevalda Grassi de Menezes  
PMDB/ES

### **Envio**

Agradeço pelo envio da revista FENAE AGORA e parabênizo pela nobre iniciativa  
Deputado Salatiel Carvalho  
PPB/PB

### **Parabéns**

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba comunica que gostaria de receber FENAE AGORA. E parabeniza pela revista.

Danielito Graneros - João Pessoa/PB

### **Cultura**

Parabéns pela FENAE AGORA, que vem enriquecer o acervo depaiódicos do Brasil, com temas de interesse da comunidade da Caixa Econômica Federal e matênãs de cultura geral. O primeiro número da publicação está exposto na biblioteca da Universidade de São Marcos-SP, para ciência de alunos e professores.

Paulo Nathanael Pereira de Souza  
São Paulo/SP

### **Profícuo**

Acusamos o recebimento e agradecemos o exemplar da revista FENAE AGORA, cujo conteúdo registra o desenvolvimento de um trabalho bastante profícuo. Manifestamos votos de sucesso para a publicação.

Luiz Pedro Antunes  
Niterói/RJ

### **Disposição**

Por ordem do presidente da Assembléia Legislativa do Ceará, comunicamos o recebimento da revista FENAE AGORA. Colocamo-nos à disposição para eventual necessidade.

Gina Marcílio Pompeu, chefe de gabinete da Presidência da Assembléia Legislativa do Ceará  
Fortaleza/CE

### **Debate**

Com muita satisfação, recebemos exemplar da revista FENAE AGORA. Trata-se, sem dúvida, de iniciativa altamente positiva, que vem contribuir para o aprimoramento do debate e para a ampliação dos horizontes da educação e da cultura entre o povo brasileiro. Em nome do reitor da Universidade Estácio de Sá, Gilberto Mendes de Oliveira Castro, desejamos vida longa e profícuo à publicação, que bem reflete o alto nível dos empregados da Caixa Econômica Federal.

Marcos Fernando Evangelista  
Rio de Janeiro/RJ

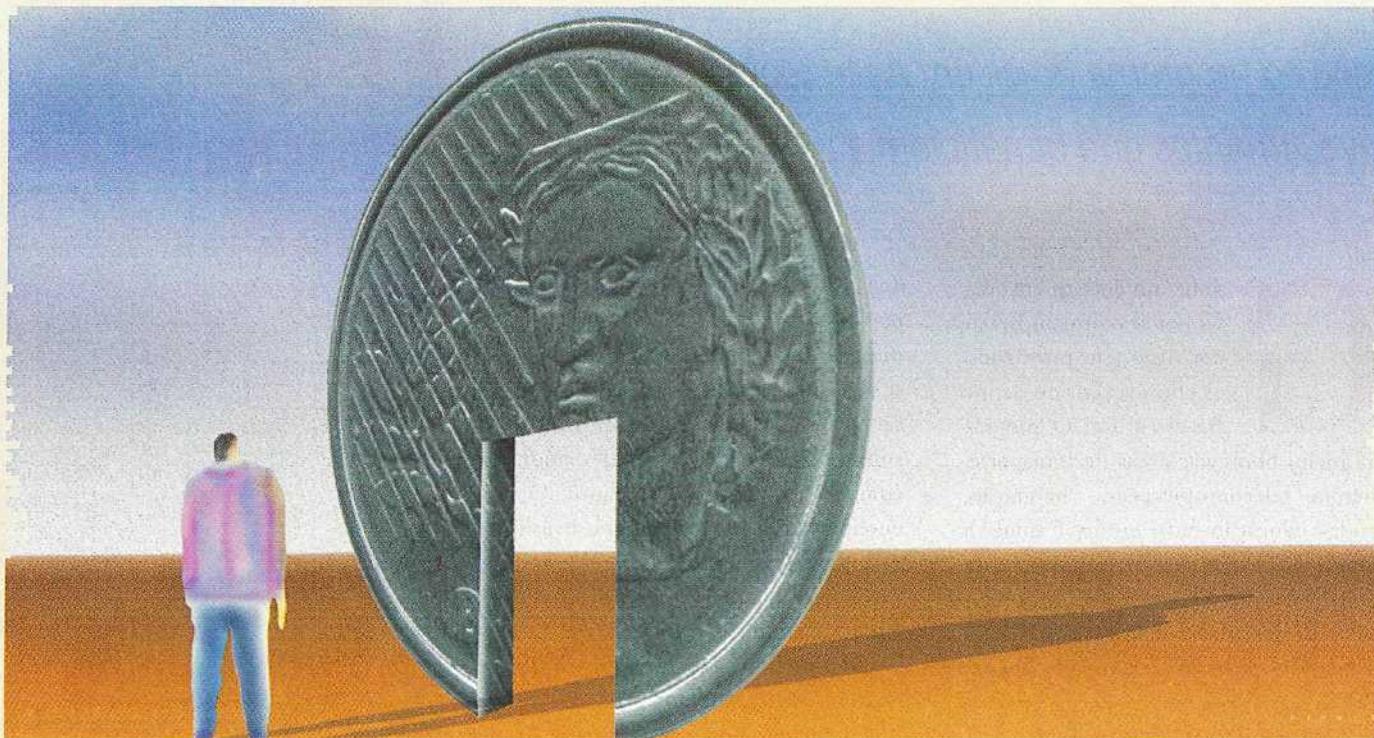
### **Edições**

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) parabeniza essa Federação pela brilhante iniciativa da revista FENAE AGORA, desejando sucesso nas próximas edições.

Maria Izabel Azevedo Noronha  
Brasília/DF

# Lugar nenhum

■ Janio de Freitas



**U**ma experiência interessante, embora não garanta sê-lo ao seu final, é indagar sobre o resultado, para o país e para cada um de nós, da ação governamental. Que Brasil está sendo feito, afinal de contas? Empresários e políticos governistas têm, em geral, a mesma abordagem do assunto: a desestatização é o seu cauro-chefe. Então lembra-se que, como está sendo feita, a privatização dos serviços públicos piorou-os, aumentou os preços e, ainda por cima, os consumidores não foram protegidos por legislação semelhante às de outros países privatizadores. Até o empresariado que clamava pela privatização das Docas de Santos reclama, agora, do encarecimento e da piora do serviço.

E a economia que já era privatizada, o que será dela? Não é uma contradição que se privatize por um lado e, por outro, se devaste a

indústria nacional com juros e importações descríterosas? As indústrias de eletrodomésticos e de autopeças, as mais desenvolvidas e consolidadas nos anos do crescimento, estão quase inteiramente vendidas a capitais estrangeiros.

Eram um símbolo de progresso, e agora são símbolo de quê? Atrás delas estão indo outros setores da indústria nacional, premiados pelas circunstâncias que o governo criou e mantém, que a indústria brasileira não adquiriu competência, era muito atrasada etc. Está bem. Mas como se explica, então, que o Brasil se tomasse a 8ª economia do mundo, graças ao seu crescimento industrial?

Qualquer país que pretenda ser alguma coisa necessita, antes de tudo, de um corpo de funcionários eficientes, concorda? Espero que concorde também em que desestímulo aos antigos e vencimentos indecentes para os possíveis novos funcionários - não esqueça que

mesmo para um médico e um professor universitário o governo oferece menos do que ganha um sargento - impedem um funcionalismo eficiente. Só o pioram.

Como o propósito é perguntar, e não embaraçar, o desemprego crescente e a saúde e o ensino decrescentes ficam como implícitos nos temas já citados, como suas conseqüências socialmente dramáticas e nacionalmente trágicas.

Mas diga lá: com recessão, desemprego, economia colonizada, cidades dominadas pela marginalidade, saúde sem assistência, educação sem ensino, Previdência antisocial - que país pode resultar disso, daqui a pouco? Ah, sim, a conquista da estabilidade da moeda. Para reinar sobre um grande nada.

Janio de Freitas

jornalista 

# Inversão de prior

*Falta ao programa Brasil em Ação realizar investimentos que beneficiem a população*

**G**anha um doce quem adivinhar se o projeto Brasil em Ação tem priorizado as obras sociais ou de infra-estrutura. O programa inclui obras nas áreas de transporte, energia, telecomunicações, habitação, saúde e educação, entre outras. E qual é a prioridade? As obras de infra-estrutura merecem muito mais atenção que as sociais no projeto (leia matéria ao lado). No meio do ano passado, por exemplo, apenas 7% das ações sociais previstas já estavam encerradas, contra 97,25% das demais.

Quem descobriu esta preferência da administração federal pelas obras faraônicas foi o deputado federal Paulo Bernardo (PT/PR) - foto ao lado -, um dos maiores especialistas sobre orçamento na Câmara. Para ele, "o Brasil em Ação é uma grife para efeitos publicitários". Funcionário do Banco do Brasil, Paulo Bernardo identifica "vários projetos prioritários dentro do Brasil em Ação que, porém, são relegados a segundo plano e existem apenas para enfeitar o bolo".

O deputado propõe uma análise fria dos números do programa para mostrar que a área social é apenas a "cereja

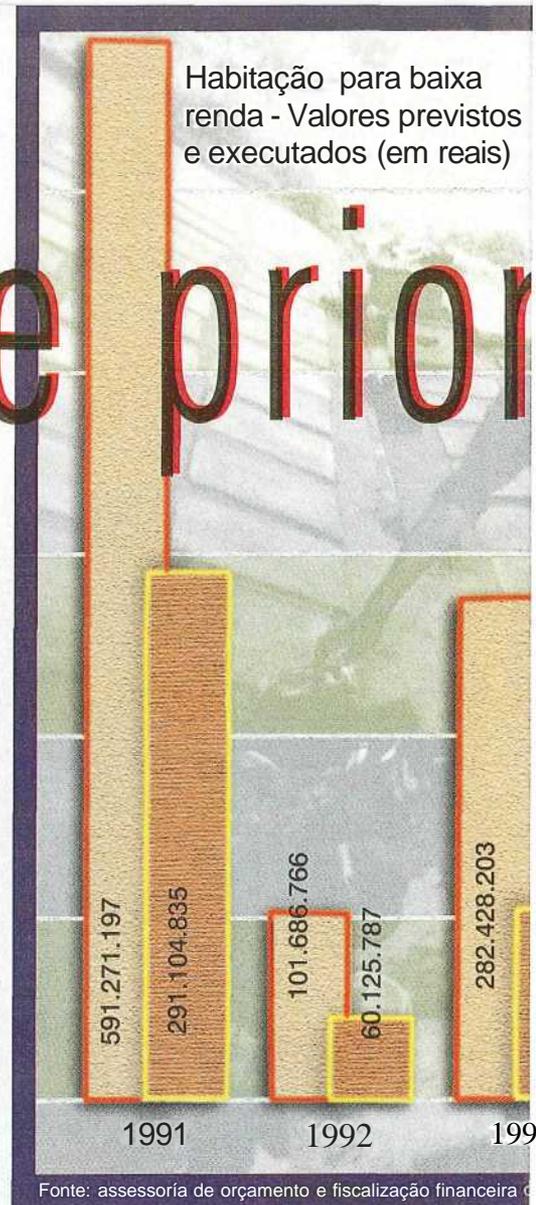
do bolo". Enquanto os projetos em transportes somam R\$ 8,1 bilhões e, em comunicação, R\$ 8,9 bilhões, a educação deve se contentar com R\$ 1,4 bilhão e à saúde são reservados R\$ 2,4 bilhões, restritos a subsidiar o Sistema Único de Saúde e o combate à mortalidade infantil. O que enche os olhos do governo no Brasil em Ação é a privatização do setor de comunicações, que pode gerar até R\$ 32 bilhões em investimentos.

Mesmo com poucos recursos para as áreas sociais, o deputado petista considera que o governo poderia fazer mais. Mas é atrapalhado por sua visão simplesmente técnica dos problemas nacionais. "Há problemas gravíssimos que poderiam ser resolvidos com poucos recursos, bastando para isso analisar o que é fundamental para o estágio de desenvolvimento do Brasil", diz ele. Na visão de Paulo Bernardo,

"muitas vezes é importante fazer obras grandes, mas não tem cabimento duplicar rodovias por R\$ 230 milhões



Agnaldo Azevedo



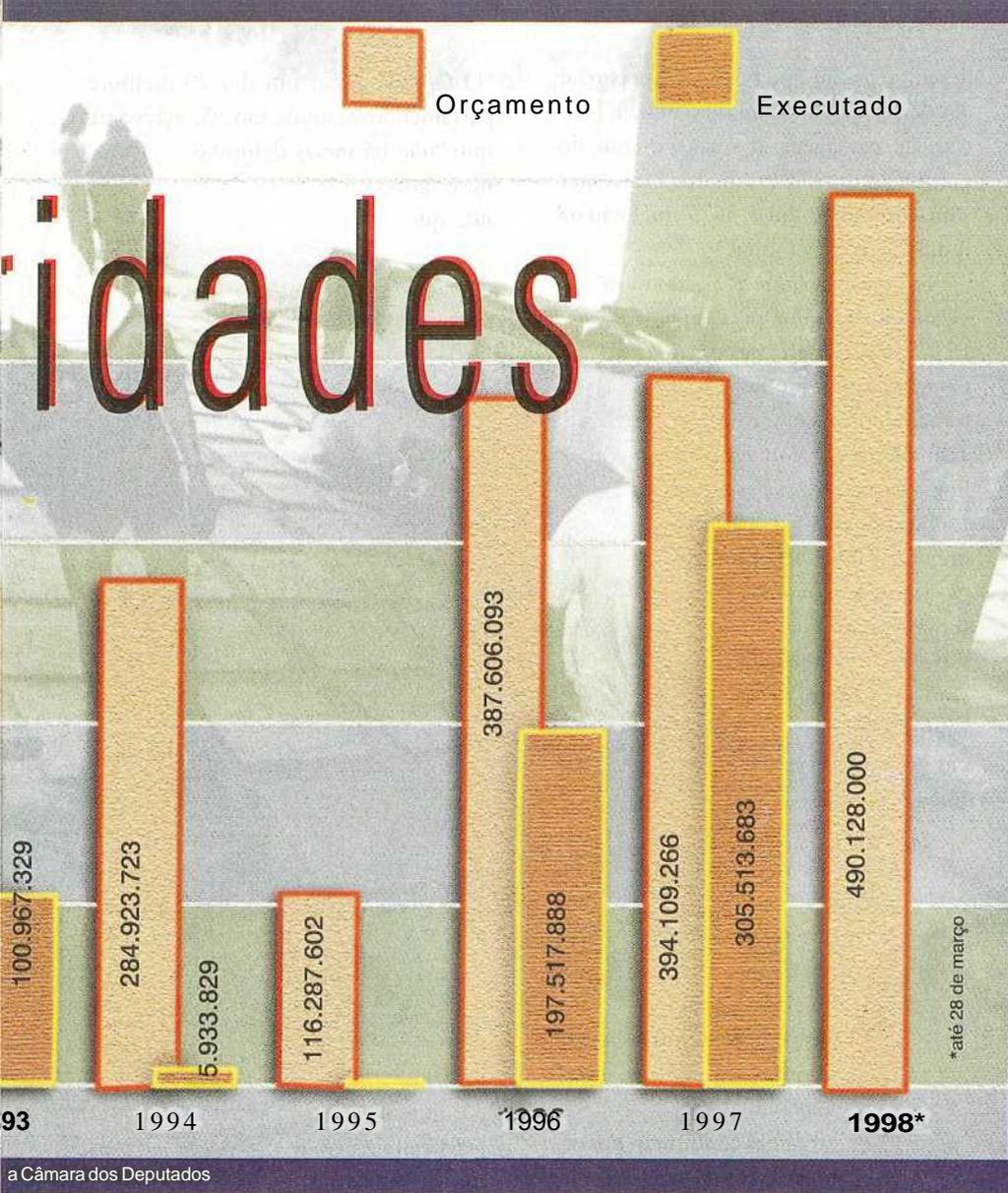
para só depois privatizá-las e permitir que as empresas privadas cobrem pedágio".

Esta situação é avaliada pelo também deputado Sérgio Carneiro (PDT/BA) como "uma inversão completa de prioridades". Segundo ele, a prioridade federal deveria ser voltada à solução de problemas nas áreas de saneamento e educação, "além de fortes investimentos em saúde pública para reverter o quadro de descaso e negligência governamentais referentes ao setor, responsáveis pelo recrudescimento de doenças já erradicadas em nosso país".

Aliás, a volta de doenças

## Dedos

medievais, como a dengue, é retratada em matéria recente do jornal "Folha de São Paulo" como uma das principais falhas da atual administração



a Câmara dos Deputados

Recursos vão  
para obras em  
detrimento  
da população

Orçado em R\$ 54 bilhões, para 1997 e 98, o projeto Brasil em Ação é composto por 42 programas, principalmente em infra-estrutura. A prioridade total do governo a estas obras é dada na medida em que os recursos para tocar as obras não podem ser cortados ou contingenciados, ou seja, desviados para outras finalidades. Do total destinado ao Brasil em Ação, apenas R\$ 11 bilhões são do orçamento da União. Estados e municípios devem arcar com R\$ 15 bilhões; R\$ 3,7 bilhões serão captados externamente e outros R\$ 24 bilhões vêm da privatizável administração indireta.

Ao mesmo tempo em que trata o projeto como carro-chefe da administração, o atual presidente insiste em negar qualquer vinculação com sua futura campanha reeleitoral. Isso não tem nada a ver com campanha, isso está no meu programa anterior. Não é minha campanha, mas o Brasil em Ação tem que ser preservado porque é fundamental para o Brasil", declarou o presidente em recente entrevista.

No entanto, o governo continua a enfrentar oposição sobre o programa. E até de canais pouco afeitos a contestar o governo federal. O Tribunal de Contas da União apurou indícios de irregularidades em dez obras do projeto, cujo valor chega a R\$ 174 milhões. Com isso, a Comissão de Orçamento da Câmara dos Deputados embargou sua realização até que o governo explicasse as suspeitas, levantadas pelo TCU em 96 e 97.

federal, ao lado do desemprego. Saúde e trabalho, sempre é bom lembrar, são duas das promessas elencadas no antigo projeto Mãos à Obra, aquele dos cinco dedos. "Elegemos cinco metas para nosso programa de governo não como exercício acadêmico ou estratégia eleitoral, mas por reconhecermos que são os pontos fundamentais para começarmos a resgatar a imensa dívida social do nosso país para com o seu povo", dizia o texto do Mãos à Obra.

No entanto, parece que o "Aedes aegypti" não entendeu o recado. O mosquito que transmite o vírus da dengue não veio de graça, mas sim porque o governo federal simplesmente não investiu um centavo em 96

na erradicação do bicho. No ano passado, foi gasta metade da verba, que era de R\$ 443,9 milhões. O descaso com o combate foi terreno fértil para a propagação do mal. Os casos de dengue pularam de 180

mil em 96 para 254 mil em 97. E, somente nos três primeiros meses deste ano, 80 mil brasileiros já foram picados pelo "Aedes aegypti". Sem saúde, sem emprego. Tão letal quanto a dengue, a falta de trabalho já "picou" 752,8 mil pessoas nos três primeiros anos do governo atual. Este é o número de empregos formais extintos

entre janeiro de 95 e dezembro do ano passado, considerando apenas as vagas com carteira assinada, segundo dados do Ministério do Trabalho. Os números do

O mosquito da dengue voltou graças à falta de investimentos



# Habitação sofre com a falta de recursos

Em seu primeiro ano de governo, Fernando Henrique Cardoso conseguiu a façanha de usar apenas 0,67% do orçamento previsto para habitação de baixa renda. O setor dispunha de R\$ 116,3 milhões em recursos orçamentários. Gastou R\$ 780,8 mil. Mas o descaso com a área já se fazia ver quando o presidente ocupava o Ministério da Fazenda. O deputado federal Nedson Micheleti (PT/PR) informa que os gastos executados era 94 foram inferiores a R\$ 6 milhões, ou exatos 2,08% do que estava disponível. Infelizmente, 98 está pior. Foram destinados R\$ 490 milhões para famílias que ganham até três salários mínimos. Pesquisa da assessoria de orçamento da Câmara dos Deputados revela que nenhum centavo foi gasto até agora.

Micheleti já antecipa que vai se repetir o filme de 97, quando o governo federal esperou para liberar os recursos no final do ano. Em 98, por coincidência, as verbas vão chegar aos estados nas proximidades da eleição. E, mesmo ao chegarem, sempre têm destinação prioritária a interesses políticos. "É por isso que em pequenos municípios de vários estados existem casas vazias ao mesmo tempo em que as ocupações urbanas aumentam", lamenta o deputado, empregado da Caixa. Enquanto isso, o déficit de moradias para esta faixa de renda já atinge sete milhões de unidades.



Agnelo Azavedo

desemprego, mesmo nesta análise parcial das demissões, também servem para ilustrar, de passagem, o sucateamento do parque industrial brasileiro. Das vagas com carteiras perdidas, 557,7 mil estão na indústria de transformação.

Só mesmo a gestão de outro Fernando, o Collor, para superar FHC. Em sua curta passagem pelo governo, o número de trabalhadores com carteira assinada despencou 2,1 milhões. Entre eles, a gestão de Itamar Franco havia permitido a criação de 428,6 mil vagas formais. Com Sarney, foram 3,2 milhões de novos empregos com carteira.

Mero "exercício acadêmico", o programa Mãos à

Obra reconhecia

que "a falta de emprego angustia tanto os nossos jovens quantos os trabalhadores experientes".

As falhas continuam nos demais dedos da campanha da coligação PSDB/PFL - educação, agricultura e segurança. Exemplos? Ainda estão fora da escola 2,7 milhões de crianças entre sete e 14 anos. Ao invés de aumentar, a safra agrícola caiu; o que aumentou foi o número de mortes no campo. As greves das polícias militares, no segundo semestre do ano passado, substituíram o prometido debate nacional que iria reavaliar a segurança pública.

**Interesses** os problemas se multiplicam, segundo o deputado Sérgio Carneiro (foto acima), porque as iniciativas do governo "não se subordinam a uma prioridade orçamentária, mas seguem um cronograma político, são realizadas em etapas para permitir inaugurações políticas". O deputado baiano, considerado em pesquisa do jornal

"O Globo" como um dos 20 melhores parlamentares, ainda em 95, acrescenta que "não há metas definidas neste governo, que

## Números do Brasil em A

não informa o que está estabelecendo e nem o que já cumpriu". Apesar desta contestação, o ex-ministro do Planejamento, Antônio Kandir, chegou a comemorar o avanço de 10 dos 42 projetos do Brasil em Ação, afirmando que seriam concluídos antes da meta imposta pelo governo federal. "Estou surpreso, o programa está superando as nossas metas", disse o ex-ministro. Apenas não falou quais eram elas. Ele informou que, para 98, o governo pretendia investir R\$ 31,2 bilhões em seus projetos prioritários. Porém, deste total, apenas R\$ 3,7 virão do orçamento da União.

A falta de uma política de governo definida já começa com o nascimento do Brasil em Ação. Paulo Bernardo explica que este projeto foi cri-

ado para substituir o Plurianual, plano em que a administração pública define os princípios norteadores dos investimentos orçamentários. Segundo o deputado, "o governo enviou ao Congresso Nacional, na verdade, apenas uma carta de

os pontos prioritários para aplicações do governo, os investimentos do Brasil em Ação deixam a desejar.

A área de transportes, por exemplo, merecedora de mais de R\$ 8 bilhões pelo projeto, foi punida com corte de 23,8% no orçamento deste ano em relação ao ano passado, de acordo com estudo elaborado pela assessoria técnica do PT na Câmara dos Deputados. A área ferroviária sofreu o pior desgaste: perdeu 60,6% dos recursos de um ano para outro. Os programas referentes à conservação e ampliação

de rodovias devem receber 29,5% menos recursos este ano do que em 97. A

pelo governo com ensino chegam a apenas R\$ 11,3 bilhões, ou seja, 19,6% menos. Isto sem contar que o orçamento executado está longe do previsto. Em 96, o governo gastou apenas 86,2% do que podia. No ano passado, até outubro, o percentual caiu para 55,3%. Por isso, a destinação de R\$ 1,4 bilhão para a área, pelo Brasil em Ação, pode até ser grandiosa, mas não combate as deficiências do setor.

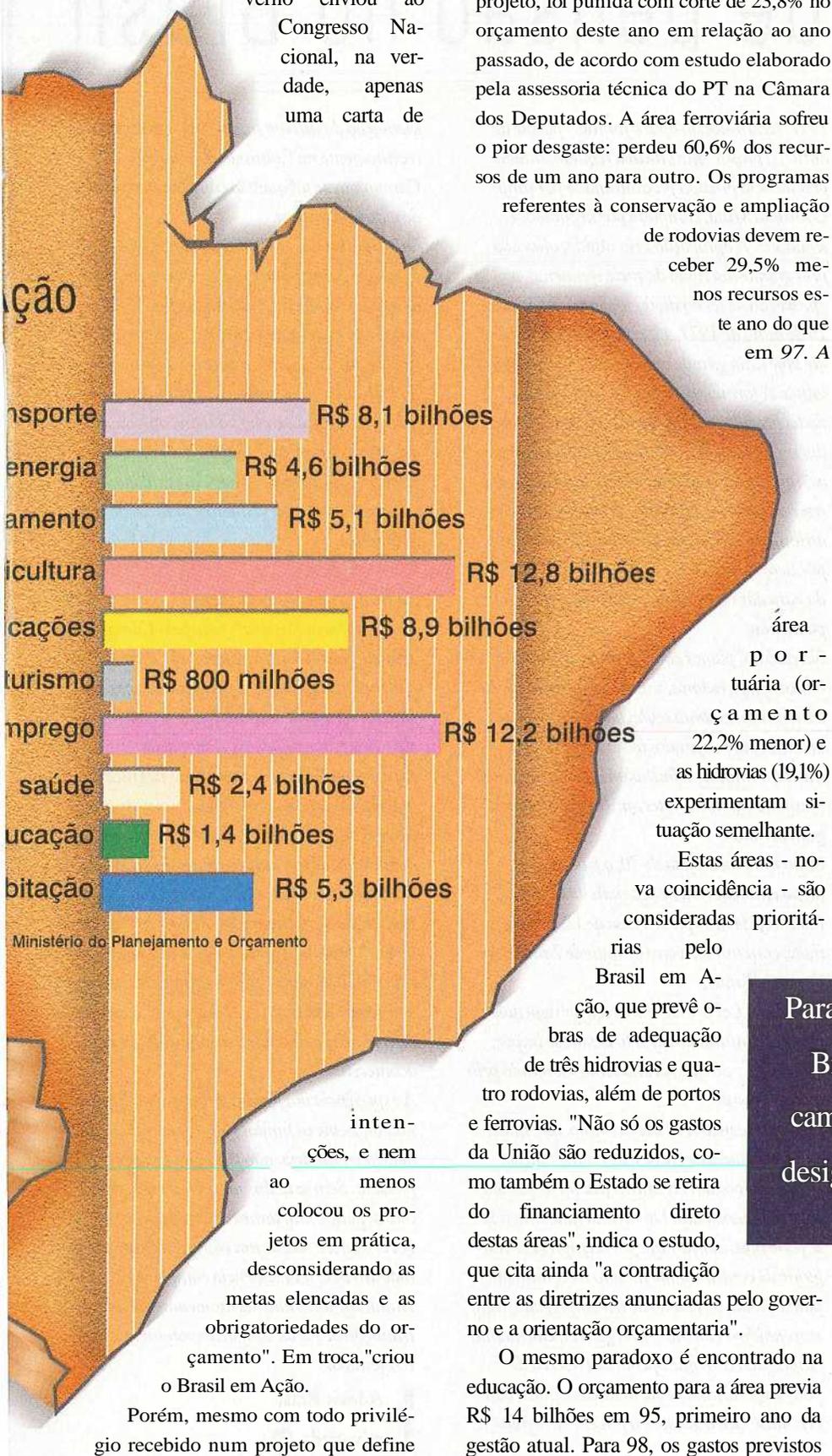
O descaso com educação é o mesmo encontrado nas outras áreas que enfeitavam a mão de Fernando Henrique Cardoso em 94. O prêmio por este "conjunto da obra" veio em junho de 96, quando o Brasil foi considerado pelo Banco Mundial como o campeão de desigualdade social. Para o órgão, o Brasil se iguala a países como África do Sul e Zimbábue. Emparelhado, mas pior. "Milenar sociedade de castas, a Índia trafega abaixo. Tal como Ruanda ou Zaire, em estado de guerra canibalesca. Ou a Bósnia dilacerada, o Afeganistão medieval, a Somália da fome genocida", escreveu recentemente o jornalista Joelmir Beting.

Beting credita a culpa desta última colocação não à má qualidade de vida, herança escravagista, explosão demográfica, concentração urbana, disparidades regionais, concentração de terras, desnutrição e fome, saúde, desmanche da seguridade social ou educação. Para ele, o vilão é a Correção monetária, existente apenas no Brasil, que criou uma cultura

inflacionária: ganhos crescentes para quem já tinha dinheiro e perdas constantes para as classes baixas.

O mesmo governo que sucateou a economia para segurar o Plano Real pode até concordar com o jornalista. Porém, ao criar o Brasil em Ação

e insistir em sua falta de projeto definido, a equipe atual de governo começa a mostrar que o culpado pelo título mundial da desigualdade social pode ser algum ente bem mais palpável. FA



área prioritária (orçamento 22,2% menor) e as hidrovias (19,1%) experimentam situação semelhante.

Estas áreas - nova coincidência - são consideradas prioritárias pelo

Brasil em Ação, que prevê obras de adequação de três hidrovias e quatro rodovias, além de portos e ferrovias. "Não só os gastos da União são reduzidos, como também o Estado se retira do financiamento direto destas áreas", indica o estudo, que cita ainda "a contradição entre as diretrizes anunciadas pelo governo e a orientação orçamentária".

O mesmo paradoxo é encontrado na educação. O orçamento para a área previa R\$ 14 bilhões em 95, primeiro ano da gestão atual. Para 98, os gastos previstos

intencões, e nem ao menos colocou os projetos em prática, desconsiderando as metas elencadas e as obrigadoriedades do orçamento". Em troca, "criou o Brasil em Ação.

Porém, mesmo com todo privilégio recebido num projeto que define

Para o Bird, o Brasil é o campeão das desigualdades



# Os fundos de pensão no Brasil

**E**m julho deste ano, a Lei 6.435/77, responsável pela regulamentação da previdência privada no Brasil, vai completar 21 anos. A pergunta é: poderá tal sistema de previdência reivindicar neste final de século sua maior idade plena?

Em meio às rápidas transformações provocadas pelos vendavais da globalização, um debate mais aprofundado sobre o aprimoramento dos fundos de pensão poderia ter como referência maior a própria Lei<sup>N</sup> 6435/77, sua gênese, suas virtudes e as insuficiências surgidas em razão da própria evolução do sistema.

Em agosto de 1974, durante o I Simpósio Nacional da Previdência Privada, a necessidade de regulamentação da previdência complementar foi o tema central do evento. Se, por um lado, os montepios proliferavam desregradadamente, o que estava a exigir uma ação efetiva do poder público, por outro, o Brasil precisava estruturar sua economia em bases mais sólidas, ampliando sua poupança interna.

Dois anos depois, em abril de 1976, com a realização do II Simpósio Nacional da Previdência Privada, foi produzido um esboço de anteprojeto, com as linhas gerais de um arcabouço legislativo, posteriormente analisado por uma comissão interministerial.

A regulamentação da previdência privada, além de iniciara constituição de uma poupança doméstica, viria fundamentalmente satisfazer uma necessidade inadiável: oferecer proteção aos participantes.

É por essa razão que o artigo 3º da Lei 6.435 estabelece que a ação do poder público deve se dar, antes de tudo, na defesa do inta-esse do participante. Ao disciplinar o remédio extremo para as entidades mal geridas, a liquidação extrajudicial, a mesma lei define os participantes como os credores privilegiados. São obviedades que, miseravelmente, alguns governantes fingem não entender.

Ao chegarão Congresso Nacional, em maio de

1977, recém-aberto após o famoso "pacote de abril", o projeto que buscava regulamentar a previdência privada foi examinado por uma Comissão Mista, composta por deputados e senadores. A aprovação veio rápida, ofuscada pela grande discussão daquele momento, a aprovação da lei do divórcio. Sancionada em 19 de julho de 1977, a Lei 6.435/77 constitui até hoje uma grande obra de engenharia legislativa. Aformatação institucional das entidades previdenciárias, dando um basta à farra dos montepios, os critérios para funcionamento, as regras indispensáveis para a constituição das reservas técnicas garantidoras dos benefícios, as atribuições de fiscalização conferidas ao poder público, enfim, toda essa estrutura foi articulada para dar organicidade à previdência complementar.

No caso dos planos abertos, comercializados por bancos e seguradoras, muita coisa permaneceu letra morta, embora tenha havido inegáveis avanços. Para os fundos fechados, principalmente, o mundo definitivamente não é mais o mesmo, conquanto estes também cometam alguns pecados.

Se no final da década de 70, o patrimônio dessas entidades era pouco mais de US\$ 1 bilhão, hoje já ultrapassa a casa de US\$ 80 bilhões, com um universo de mais de 2 milhões de participantes.

Embora a Lei 6.435/77 mereça ser" respeitada na sua estrutura, um amplo debate se impõe, não em face do que já existe, mas sobretudo pelo que está por vir.

Não parece razoável, por exemplo, que sindicatos, entidades de classe e de representação, ainda não possam constituir fundos de pensão para seus associados. Da mesma maneira, não se pode mais admitir que uma empresa se vanglorie de contribuir até mesmo integralmente para o fundo de pensão de seu empregado, mas, se rompido o vínculo empregatício, este mesmo empregado carregue apenas sua reserva de poupança. É uma pena, neste caso, que o parecer Saulo Queiroz sobre o projeto de regula-

mentação do sistema financeiro, apresentado recentemente na Comissão Especial da Câmara, trate tal questão cometendo equívocos de natureza técnica.

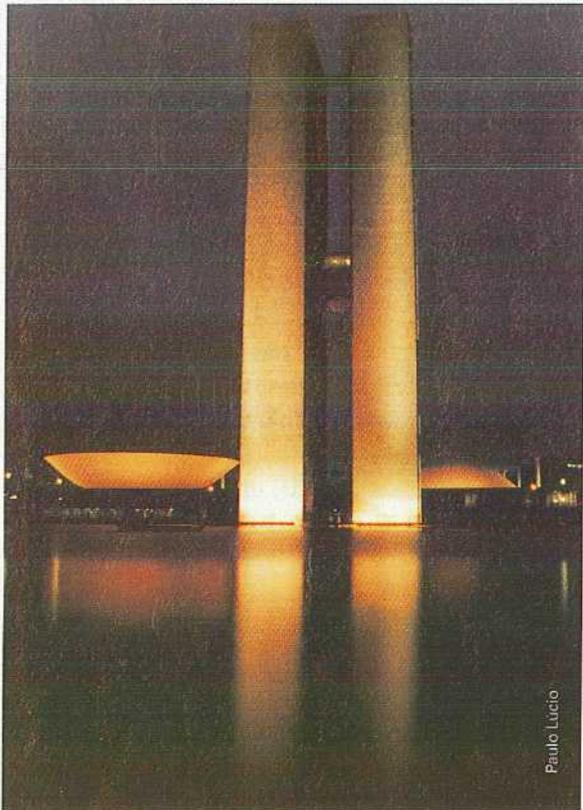
Outro ponto a se" seriamente discutido é a presença dos participantes nas instâncias de poder de suas entidades de previdência. Se a legitimação do poder; passando pela participação dos trabalhadores, é um fenômeno que vem se dando inclusive nos conselhos de administração das grandes empresas, como aliás preconizou uma das diretivas da Comunidade Econômica Européia, o que então dizer das entidades financiadas pelo salário direto e indireto do trabalhador?

Curiosamente, tanto a "CPI dos Títulos Públicos", realizada pelo Senado, como a "CPI da Previdência Privada", feita pela Câmara, apresentaram projetos de lei estabelecendo a presença obrigatória dos participantes nas esferas de decisão de tais entidades. A conclusão é elementar: os verdadeiros donos desse patrimônio são os seus mais eficientes fiscais. A grande imprensa tem falado muito de uma equipe, liderada pelo sr. André Lara Resende, incumbida de formular os anteprojotos destinados à regulamentação da "Reforma da Previdência". A chamada "Reforma II" poderia ser mais profunda que a própria mudança constitucional. Portanto, toma-se fundamental que este debate seja feito pelo menos com ossetores diretamente envolvidos, o que até agora não aconteceu.

A experiência dos fundos de pensão no Brasil, notadamente os fundos sem fins lucrativos, de adesão voluntária, não pode jamais se desprezada. Sem se deslumbrar com exemplos de outros países, mas também sem desprezá-los, o governo deve buscar um caminho próprio e duradouro para a previdência complementar no Brasil, combinando harmonicamente distribuição de renda com desenvolvimento econômico.

**Adacir Reis,**

advogado 



Paulo Lúcio

## A história do Congresso

Pinheiro Machado não tinha medo de cara feia. Foi um chefe arbitrário do Senado Federal, cuja presidência exerceu pelos anos de 1915. No Congresso, todos eram vítimas de sua rigorosa disciplina: as figuras mais ilustres, os balçaréis mais conceituados e até os mais brancos coronéis da politicagem eleitoral. Na sua época, ele encarnava poder paralelo ao do presidente da República. Sua mão-de-ferro era tão poderosa que um deputado de Pernambuco propôs na Câmara Federal, por extravagante blague, um projeto com um artigo único: elimine-se o general Pinheiro Machado. Isto veio a acontecer em 8 de setembro de 1915, quando o então presidente do Senado foi apunhalado pelas costas, no vestíbulo de um hotel no Rio de Janeiro. Esse fato está registrado no livro "História da República", de José Maria Bello - Cia. Editora Nacional - 8ª edição.

## Medidas provisórias

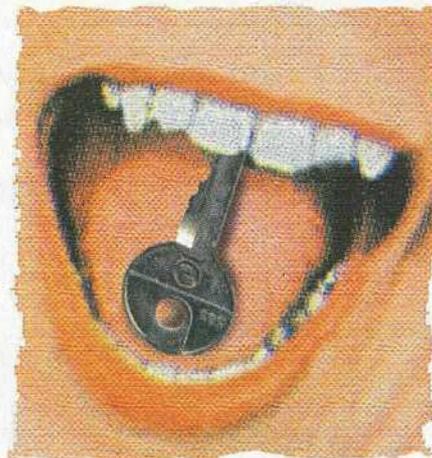
O art. 62 da Constituição Federal não deixa margem para dúvidas: o presidente da República só pode adotar a "medida provisória" em caso de relevância e urgência. Para ter força de lei, a MP deve ser examinada pelo Congresso no prazo máximo de 30 dias e perderá eficácia desde sua edição, se neste período não for convertida em lei.

O instituto da medida provisória foi copiado da Itália. Lá o governo só pode adotá-la sob sua responsabilidade. O que isto significa num regime parlamentarista como o italiano? Se rejeitada a MP, o governo (gabinete) pode vir a

cair. Em virtude disso, apesar de anos de existência, pouquíssimas MPs foram editadas no país de origem. Já no caso do Brasil, para burlar a legislação, os governos inventaram a figura da "reedição", um ardid para perpetuar o que seria provisório. Resultado: nos últimos três anos, o atual presidente da República editou e reeditou uma MP a cada 30 minutos. No final de abril de 98, por exemplo, cerca de 46 medidas provisórias aguardavam votação, algumas reeditadas mais de 40 vezes.

## Projetos na gaveta

O então senador Fernando Henrique Cardoso é autor de vários projetos que buscam proteger a classe trabalhadora da ganância do capital. Alguns deles: o PL 2902/92, que trata da proteção do trabalhador em face da automação, regulamentando o inciso XXVII do art. 7º da Constituição Federal, está parado na Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara; o PL 6131/90 dispõe sobre a fiscalização das relações de trabalho e se encontra na Comissão de Trabalho da Câmara; e o PL 202/89 trata do imposto sobre grandes fortunas e está guardado a sete chaves na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara. Moral da história: no governo do presidente FHC, os projetos do senador FHC estão esquecidos nas gavetas do Congresso Nacional. Isto porque não há interesse em votá-los



## A Caixa e o sistema financeiro

Tramita no âmbito da Comissão Especial da Câmara Federal a segunda versão do parecer do deputado Saulo Queiroz (PFL-MS) sobre o projeto de regulamentação do sistema financeiro nacional. O texto foi apresentado em 31 de março deste ano e nele a Caixa Econômica Federal é assim citada: "A CEF, empresa pública responsável pela execução da política de crédito do poder

público federal, com vistas ao desenvolvimento urbano, especialmente no tocante à política habitacional, de saneamento básico e infra-estrutura urbana e, complementarmente, pela execução de atividades especiais de interesse da política econômico-social do poder público federal, especialmente penhor, seguro-desemprego e crédito educativo". FA

# Há 27 anos . . .

## Planalto analisa as seis horas

**J**aneiro de 1973 - A iniciativa da diretoria da FENAE de entregar memorial ao presidente Médice, no dia 21 de junho de 1972, pleiteando a jornada de seis horas para os economiários, teve desdobramentos dentro do governo.

A FENAE explica que apesar de conter parecer favorável das Comissões Técnicas do Senado Federal, o referido projeto encontra-se em vias de arquivamento.

Após a entrega do memorial, o ministro interino da Fazenda, José Flávio Pécora, enviou ofício ao Gabinete Civil da Presidência oferecendo ponto de vista



FENAE pleiteia jornada de seis horas junto ao general Médici

contrário à adoção da jornada de seis horas para os economiários.

No documento, Pécora diz que a matéria foi exaustivamente examinada, não se encontrando fundamento que justifique o acolhimento da referida pretensão. A título de es-

clarecimento adicional - acrescentou o ministro interino - "ressalte-se que após sua transformação em empresa pública com característica de instituição financeira o governo tem dado outras atribuições à Caixa que diversificou suas atividades e mais a distinguiu dos bancos e casas bancárias".

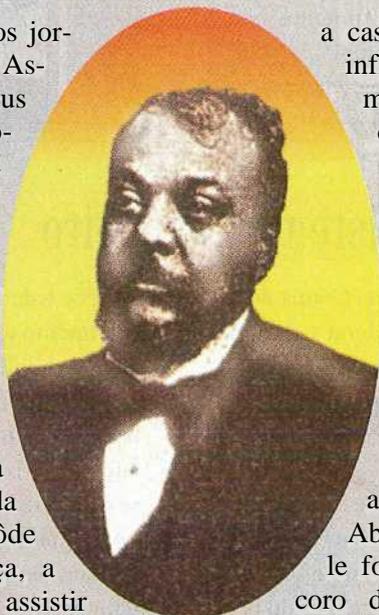
A FENAE está acompanhando adequadamente, como é, do seu dever, a pretensão dos economiários pela adoção da jornada de seis horas diárias. Por aconselhamento do chefe do Gabinete Civil da Presidência, esta Federação dirigiu recurso ao titular da pasta da Fazenda, Antônio Delfim Neto, apontando as razões dos em pregados da Caixa.

## NOSSOS PERSONAGENS

### Patrocínio, o maior dos abolicionistas

O maior de todos os jornalistas da Abolição. Assim é definido por seus biógrafos o também poeta e romancista José do Patrocínio, nascido em Canipos-RJ, em 8 de outubro de 1854.

Filho natural do vigário da paróquia, João Carlos Monteiro, e de "tia" Justina, quitandeira, Patrocínio passou a infância na fazenda paterna da Lagoa Cima, onde pôde observar, desde criança, a situação dos escravos e assistir



a castigos que lhes eram infligidos. Aos 14 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1874, concluiu o curso de Farmácia.

Já a esse tempo, José do Patrocínio iniciara sua carreira jornalística, na Gazeta de Notícias, e sua estreia começava a aparecer. Em 1879, inicia ali a campanha pela Abolição. Em torno dele formou-se um grande coro de jornalistas e de

oradores, entre os quais Ferreira de Meneses, na "Gazeta da Tarde", e Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, Teodoro Sampaio, "Paula Nei, todos da Associação Central Emancipadora.

Em 1881, Patrocínio fundou a Confederação Abolicionista e lhe redigiu o manifesto. Em 1887, passou a dirigir a "Cidade do Rio", onde se fizeram os melhores nomes das letras e do periodismo brasileiro daquele momento. Foi da tribuna da "Cidade do Rio" que ele saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição, pelo qual tanto lutara.



# Novo terremoto à vista?

■ Aloysio Biondi



**O** Brasil recebeu uma enxurrada de dólares em março e abril. As reservas saltaram para mais de 65 bilhões de dólares. Crise afastada? Não.

A tranquilidade que esses números parecem inspirar é ilusória. Há vários sinais de alerta, apontando para uma deterioração da situação de economia - e é para esses sinais que tanto os banqueiros quanto os aplicadores internacionais costumam dar atenção. Primeiro sinal de alerta: houve queda nos investimentos, isto é, na entrada de dólares não-especulativos, aqueles que vêm para ficar no país, aplicados em fábricas, minas, empresas etc. O governo previa recordes nessa área, algo como 18 bilhões de dólares neste ano. No primeiro trimestre, no entanto, o volume de investimentos não alcançou meros 3 bilhões de dólares - e continua a diminuir. Motivo: com a recessão e queda nas vendas, obviamente as multinacionais perdem o interesse pelo mercado - e, em muitos casos, já foram forçadas a "congelar" planos de ampliação de fábricas (automóveis, eletroeletrônicos etc).

**Contas furadas** - Ao mesmo tempo, es-

tão sendo frustradas as expectativas do governo, de aumento nas exportações, devido à quebra na safra agrícola, em consequência da falta de apoio ao produtor e, agora, aos estragos do El Niño. Vale dizer: o saldo negativo da balança comercial (importações superiores às exportações) continuará em níveis elevados, torrando dólares. Tudo somado, o "rombo" das contas externas do Brasil, na casa espantosa de 35 bilhões de dólares ao ano, tende a permanecer assustador. Para cobri-lo ao menos parcialmente, restaria apenas a eventual entrada de dólares para a compra de estatais, dentro da política de privatização. Mas, também aqui, os dados mostram que, na prática, a participação estrangeira (isto é, a vinda de dólares-para ficar) tem sido mínima, mal passando do 2,5 bilhões de dólares nos últimos dois anos. Para coroar, o fracasso na privatização das empresas energéticas de São Paulo, sem falar na desistência de grupos concorrentes à telefonia celular, mostra que a tão sonhada entrada maciça de dólares, com as privatizações, é mera fantasia do governo.

**Sinal vermelho** - Como explicar a enxurrada de dólares de março e abril? E simples: o governo anunciou que iria mudar as

regras para os dólares especulativos, e houve uma "corrida" dos aplicadores/banqueiros para aproveitar as condições antigas (juros ainda mais altos, e autorização para remeter os dólares de volta ao exterior, após um prazo curto de apenas seis meses). Em outras palavras: foi uma avalanche de **hot money**, que pode deixar o país de uma hora para outra.

Paradoxalmente, a própria enxurrada de dólares é causa do agravamento de problemas que assustam os banqueiros/aplicadores estrangeiros, a médio prazo. Após trocar os dólares por reais, o governo emite títulos para retirar (os reais) de circulação. Aumenta, assim, a sua dívida interna - já na estratosfera - e, pior ainda, o rombo provocado pelo pagamento de juros. Numa situação suicida, o Tesouro paga em torno de 25% ao ano pelos títulos emitidos, e aplica o dinheiro (no exterior) a 6% a 8% ao ano. Vale dizer, o salto nas reservas está aumentando o rombo do Tesouro - preocupando os credores internacionais e o FMI. O fantasma da "fuga de dólares" e novo terremoto na economia não foi exorcizado.

Aloysio Biondi,  
jornalista 

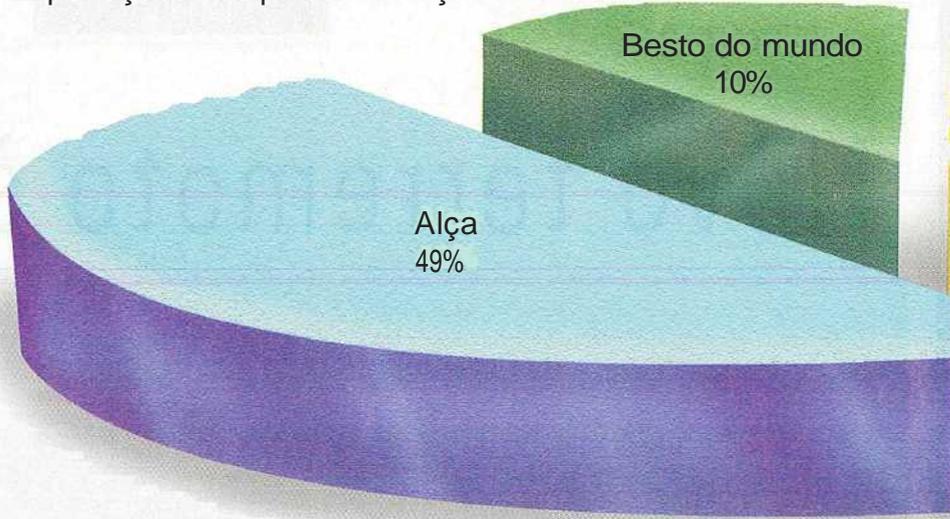
## Debate sobre livre comércio começou em Miami

O esforço para unir as economias do hemisfério ocidental em uma única área de livre comércio iniciou-se com a Cúpula das Américas, realizada em Miami (EUA) em dezembro de 1994. Foi daí que surgiu a Área de Livre Comércio das Américas (Alça), cujas negociações devem ser concluídas até o ano de 2005.

A estrutura básica da Alça está composta por ministros e vice-ministros do Comércio das Américas e por 12 subgrupos de trabalho. Desde a reunião de Miami, já ocorreram quatro encontros para formular e executar um plano de ação para a Alça. O primeiro foi em junho de 1995, em Denver - estado do Colorado (EUA), o segundo em Cartagena das Índias (Colômbia), o terceiro em Belo Horizonte, em maio do ano passado, e o quarto na Costa Rica, em março deste ano. Essas conferências entre os ministros do Comércio acontecem uma vez por ano.

Os 12 subgrupos de trabalho em torno da Alça são formados por diplomatas dos diferentes países, com o objetivo de levantar a situação e os obstáculos comerciais existentes em suas áreas. O Fórum de Trabalhadores das Américas, que reúne representantes das centrais sindicais do continente, reivindica a criação de um subgrupo específico sobre temas trabalhistas e sociais, numa tentativa de evitar que a Alça traga consequências dramáticas para a classe trabalhadora da América Latina.

Exportações dos países da Alça em 1996



Internacional

# O Brasil e o acordo da Alça

*Sociedade critica integração econômica das Américas*

**U**m espectro ronda o Brasil e boa parte das economias debilitadas da América Latina: a meta de integrar no ano de 2005 um mercado de 770 milhões de habitantes, do Alasca à Terra do Fogo, numa zona de livre comércio. A idéia da Alça (Área de Livre Comércio das Américas) surgiu em dezembro de 1994, durante reunião em Miami de chefes de Estado de 34 países, e faz parte do esforço do governo norte-americano para evitar a perda de sua hegemonia diplomático-comercial sobre o continente. Inicialmente, a intenção dos EUA era integrar os países latino-americanos ao Nafta, acordo entre

os Estados Unidos, o Canadá e o México. No entanto, essa possibilidade foi bloqueada pela crise da economia mexicana.

"Os alcances da Alça não se esgotam, como sugere seu nome, na formação de uma área de livre comércio, mas representam um acordo global que pretende abarcar muito mais, incluindo os serviços, o sistema financeiro, as compras governamentais e os investimentos", esclarece a economista e deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), em recente artigo na "Folha de S. Paulo". Ela garante que a Alça visa, na verdade, aprofundar os processos de desregulamentação econômica e financeira impostos à América Latina no vácuo da crise da dívi-

Ásia  
22%

Europa  
19%

rações de Lampreia foram publicadas pela grande imprensa, às vésperas da 2ª Cúpula das Américas, realizada dias 18 e 19 de abril em Santiago, no Chile, numa tentativa de lançar oficialmente as bases de negociação da Alca. Numa via idêntica a essa preocupação, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) rejeita o teorema de que quanto maior

ções representativas da sociedade civil nas discussões sobre a política comercial do governo brasileiro.

A julgar pela disparidade econômica entre os parceiros, não há qualquer vantagem em um acordo como a Alca para o Brasil e para países como a Argentina. Sozinhos, os EUA, o Canadá e o México detêm 88% do PIB total das Américas contra 8% dos países do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai). Os parlamentares da Cúpula dos Povos da América, que se reuniram recentemente no Chile, divulgaram documento sobre o assunto no qual definem a Alca como a estratégica básica das hegemônias regionais, "que vai além da formação de uma área de livre comércio e que compromete a autonomia e a soberania da América Latina, ao permitir a entrada das empresas transnacionais em todos os setores dos serviços, das telecomunicações, da saúde, da previdência social, dos sistemas

da externa dos anos 80 e, neste sentido, tende a favorecer a economia norte-americana. Raciocínio mais ou menos semelhante faz o cientista político Emir Sader, professor de sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Segundo ele, a natureza de megamercados como a Alca se limita a conteúdos puramente comerciais e não leva em conta a necessidade de integração da cultura, das relações de trabalho, das políticas sociais, da ciência/tecnologia e da distribuição de renda.

## Futuro

A entrada em vigor da Alca, prevista para 2005, ameaça o futuro de países como o Brasil. Isto pelo menos é o que pensa o ministro de Relações Exteriores, chanceler Luiz Felipe Lampreia, para quem a economia brasileira é muito mais frágil que a norte-americana e não pode enfrentar de peito aberto, sem nenhum anteparo, uma economia mais forte, sob o risco de sua indústria ser aniquilada. Essas declara-

a liberalização do comércio internacional maior o crescimento dos países envolvidos. Recente estudo da Cepal revela que os ajustes estruturais ocorridos na região, de 1991 a 1996, não apresentaram saldo positivo, pois os "índices médios de crescimento do PIB por habitante foram apenas de 1% ao ano". Há o risco ainda de que essa integração hemisférica resulte no aumento do desemprego, como aconteceu no México depois da criação da Nafta. Compartilha dessa idéia a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que entende não ser mais possível separar política industrial da política comercial. Para a CUT, questões como emprego, salário e condições de vida dependem muito da forma como o Brasil se insere na economia internacional. No caso da Alca sair do papel, a central defende a introdução de mecanismos de consulta e participação permanente das organiza-

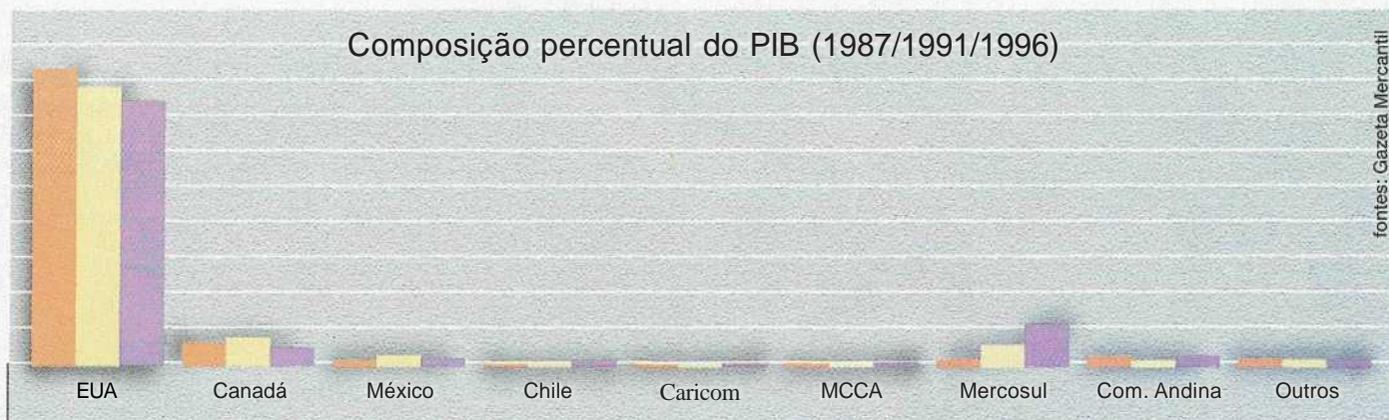
Integração  
hemisférica  
pode aumentar  
desemprego



financeiros, das compras governamentais, da propriedade intelectual e dos investimentos em geral".

De polêmica em polêmica, no entanto, cresce no âmbito da sociedade brasileira a certeza de que a adesão do governo federal à iniciativa de uma zona de livre comércio com os EUA carece de sentido político ou econômico. Esses setores acham que a prioridade de integração do país passa pela consolidação do Mercosul, que pode servir como porta aberta para um desenvolvimento sustentado com distribuição de renda e riqueza. 

Composição percentual do PIB (1987/1991/1996)



fontes: Gazeta Mercantil

# CAMILLE CLA

*Inteligente, talentosa e irreverente. Camille Claudel foi a primeira mulher a escolher a a  
Incendiou corações e mentes na virada do século XIX, em Paris. A história tentou escond  
amante, Auguste Rodin. Mas ela foi muito mais do que isso, Artista brilhante, Camille é  
modernidade. Sua vida trágica inclui criação, paixão e loucura*

■ Jaime Deconto

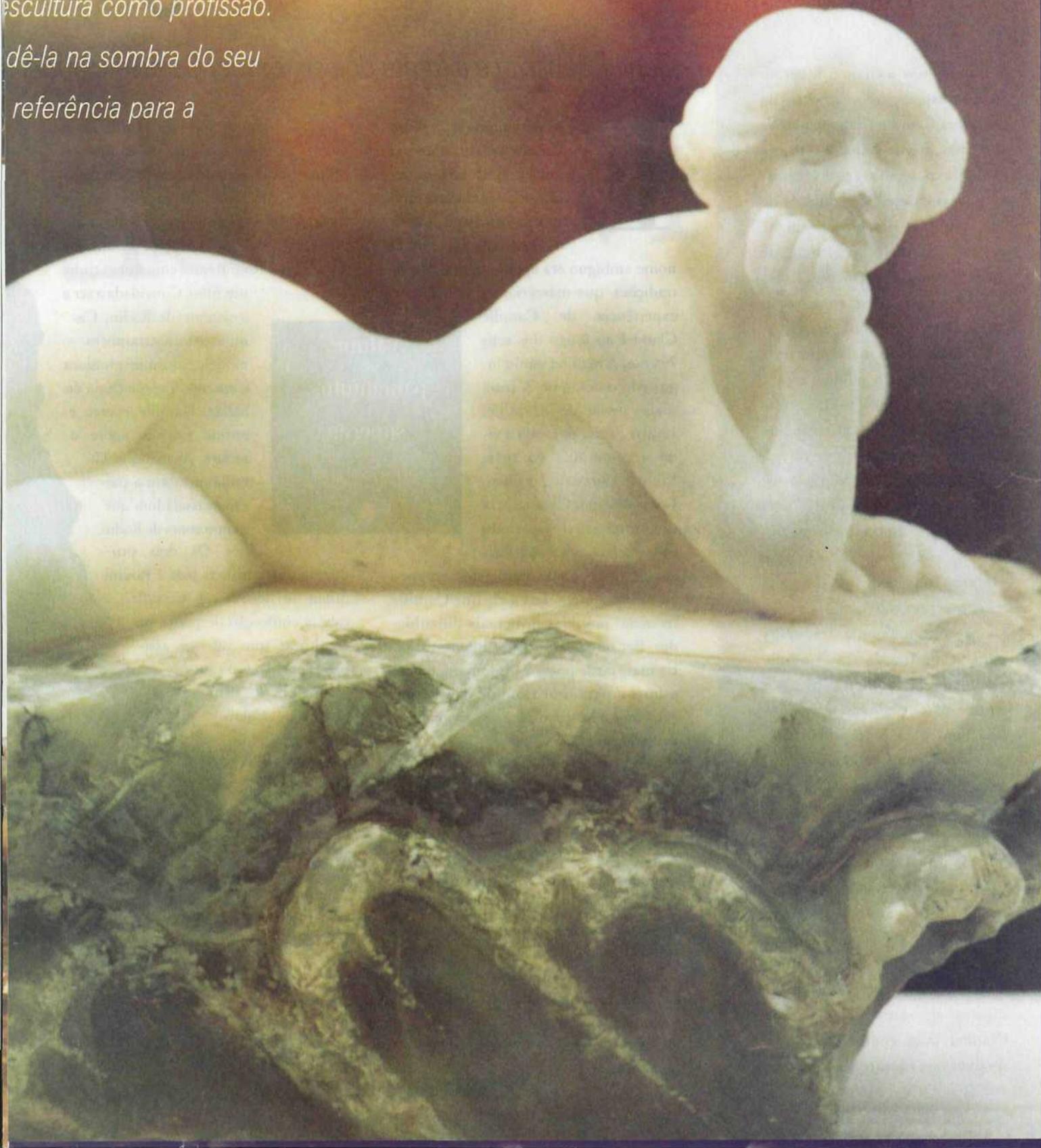


# AUDEL

*Escultura como profissão.*

*dê-la na sombra do seu*

*referência para a*



# Isabelle Adjani faz a escultora em fiel versão

Quem teve a chance de ver no Brasil a exposição com as obras da escultora Camille Claudel pode se dar por privilegiado. A última parada exposição antes do regresso a Paris é Belo Horizonte, onde as esculturas e desenhos ficam até o dia 17 de maio no Museu de Arte da Pampulha. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a exposição atraiu cerca de 300 mil pessoas.

Para conhecer mais sobre a vida da escultora o público tem à disposição no Brasil o filme "Camille Claudel" - Direção de Bruno Nuytten. O filme teve a consultoria de Reine-Marie Paris, sobrinha-neta de Camille Claudel e é bastante fiel à história. No elenco, estão Isabelle Adjani e Gérard Depardieu. A fita está disponível em vídeo.

A única biografia traduzida para o português é Camille Claudel, uma mulher, escrito por Anne Dalbée e editado pela Martins Fontes. O livro mistura aspectos ficcionais criados pela autora. Valem os fragmentos de correspondências trocados entre Camille, Rodin e Paul Claudel.

"Camille Claudel - Criação e Loucura" é um livro vigoroso, resultado de dois anos de pesquisas feitas pela psicóloga Lilitiana Liviano Whaba. Editado pela Record, o livro investiga as sutilezas da alma de Camille Claudel para compreender os motivos que a levaram à loucura

Capa

# Viveu a tragédia

*Genial, sensível e à frente do seu tempo, Camille Claudel*

**E**m dezembro de 1864 em Villeneuve-sur-Fère, na França, uma menina recém-nascida chorava muito. Era o início de uma vida marcada pela dor. O nome ambíguo era apenas uma das contradições que marcariam a experiência de Camille Claudel ao longo dos seus 79 anos. A menina sentiu logo cedo o desamor. A irmã mais nova de Camille, Louise, seria por toda a vida a preferida da mãe, Louise Cerveaux. O pai, Louis-Prospér Claudel, era um intelectual frustrado que a cercava de expectativas. O irmão, Paul Claudel, foi sempre o cúmplice afetivo. Era a ele que Camille recorria nas suas principais dificuldades. Por outro lado, Paul, que se tornaria mais tarde poeta e diplomata, não se esforçou para tirar Camille da internação em um hospício. Passou a vida martirizado pela culpa.

Camille viveu intensamente. Aos 17 anos, ela influencia a família a ir para Paris para poder estudar escultura. Na Academia Colarossi, Camille não aceita as regras e decide manter um ateliê de escultura junto com uma amiga. Com a ausência do mestre Alfrede Boucher que partiu para a Itália, um outro vem substituí-lo. O destino colocou frente a frente Camille Claudel e o já famoso Auguste Rodin.

**Paixão** Se as mãos da pupila eram hábeis, foram os expressivos olhos azuis escuros de Camille que incendiaram Rodin. Com diferença de idade de 24 anos, os dois se vêem envolvidos num complexo jogo de sedução. Rodin era casado com Rose Beuret com quem tinha um filho. Convidada a ser a assistente de Rodin, Camille se tornou também modelo, musa inspiradora e amante. Bela e cheia de ideias, Camille exerce enorme fascínio sobre o mestre. As cartas a Camille mostram a paixão avassaladora que tomou conta de Rodin.

Os dois produzem obras-primas mas é Rodin quem se destaca. A Camille cabe a confecção de partes de esculturas que vão ser assinadas por ele. É o caso das mãos e pés dos Burgueses de Calais. Apesar do envolvimento amoroso, começa a se instalar na artista um

A aluna,  
para muitos,  
superou  
o mestre

FA

# a e nos deu a arte

os deixou obras que impressionam pela expressiva beleza e emoção

sentimento de que estava sendo "roubada". O inferno ainda começaria a arder.

Apesar de estar à sombra de um gênio, Camille realiza

trabalhos significativos. Dedicadíssima, ela acaba por romper as semelhanças e cria uma obra peculiar, com digital própria, muito mais leve, fluida e sentimental. Ao mesmo tempo em que brotavam obras de arte, Camille também gerava escândalo. O rumoroso caso de amor transpirou para além das paredes do ateliê. Mulher, Camille é quem pagou as mais duras penas. Várias vezes ela foi hostilizada. Em casa, crescia o ódio da mãe pela filha rebelde. Avesa a concessões de quaisquer ordens, Camille acumulava desafetos. Anti-social e intransigente, ela não era fácil. Por outro lado era generosa em relação à arte.

Generosidade já não era uma característica de seu parceiro de arte e de alcôva. Casado por conveniência, Rodin não consegue deixar Rose para se dedicar ao amor que ele jurava ter por Camille. Ao ser pedido em casamento por sua amada, Rodin recua incendiando a ira de Camille. Nesse período, Camille Claudel passa por um aborto.

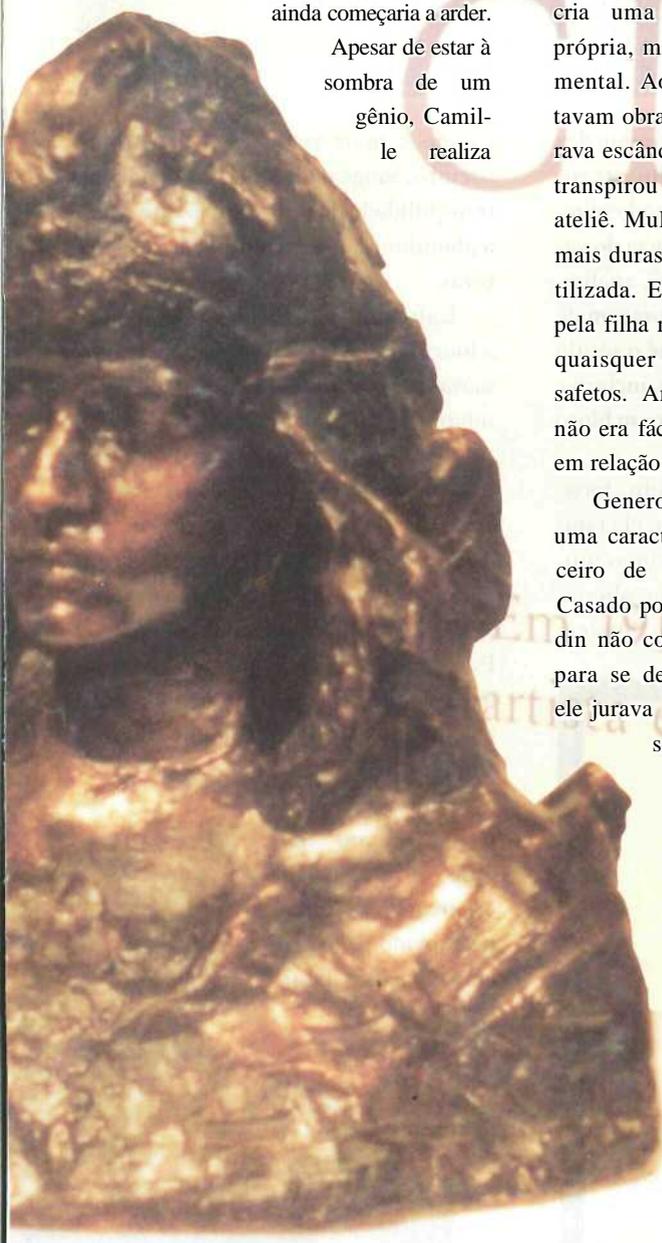
**Furor** No ateliê do Boulevard d'Italie, Camille deixa vir à tona toda a sua genialidade. A partir de 1893, ela cria obras de rara beleza como "A valsa". O abandono de Rodin é dor e inspiração. Desse período nasce "A idade madura", onde Camille esculpe a atitude do amante ao trocá-la por uma velha. Cercada de gatos, a artista mergulha no inconsciente e no álcool. Rodin tenta ajudá-la. Paga algumas contas, recomenda seus trabalhos aos compradores de arte e a jornalistas. Ela responde a todos com sarcasmo.

A fúria criadora cresce junto com a paranóia de que estava sendo perseguida para ser roubada por Rodin. "As bisbilhoteiras" e a "A onda" vêm ao mundo. Em 1898, parece que a vida voltaria a sorrir para uma Camille fragilizada. Através do marchand Eugène Blot, Camille vê parte de seus trabalhos transpostos para o bronze. Nas exposições de 1905 e 1908, algumas peças importantes são vendidas. O Estado encomenda a ela pela primeira vez uma peça em bronze. Mas, o reconhecimento é tardio.

Com a ida do irmão para a China, Camille se vê desamparada. Entregue à embriaguez, ela não só pára de produzir como também quebra tudo o que havia em seu ateliê. Em 1913, Camille perde o pai. O fio tênue da razão se rompe. A mãe autoriza o médico a internar Camille em um asilo para loucos, onde ela passa os últimos 30 anos de sua vida em total abandono. Nunca mais criaria uma só escultura.

A fúria  
criadora  
aumentou com  
a paranóia

FA





Exposição realizada no MAM, no Rio de Janeiro, impactou o público visitante

É impossível dissociar vida e obra quando se trata de Camille Claudel. Sua comoção diante do mundo é o que nos comove quando olhamos sua obra. Ela conseguiu traduzir nas esculturas todo o seu sentimento de mundo e sua tragicidade. Não fossem a dor e a paixão que corriam em suas veias, a arte não teria legado peças como "A idade madura", "A onda", "A valsa" ou "A tocadora de Flauta". A opinião é do filósofo e historiador da arte, Moacyr Laterza.

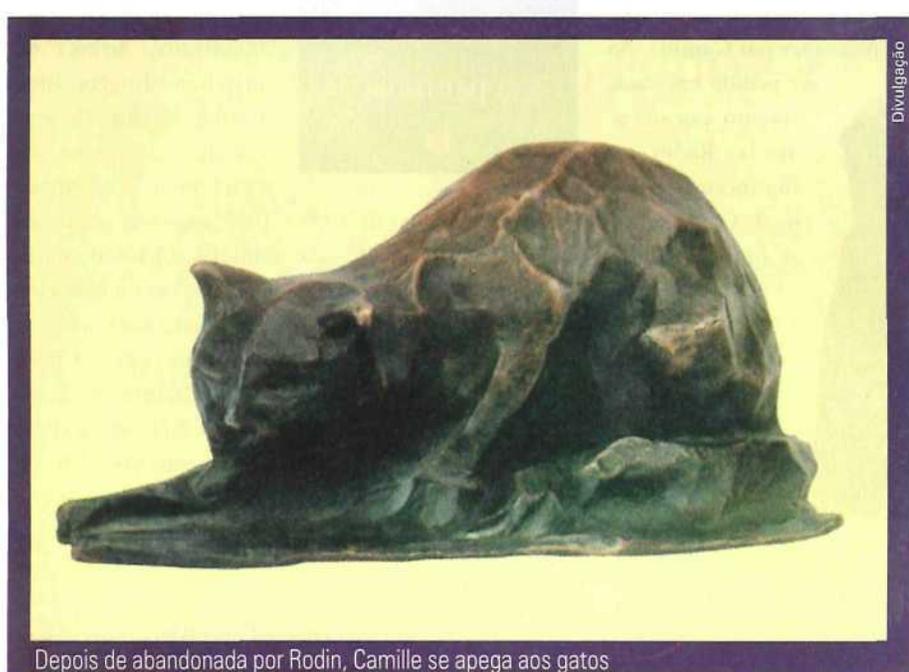
Ao observar **Camille** Claudel, Moacyr Laterza percebe que sua obra é "noturna, sentida e absolutamente feminina", a despeito de ter estado durante dez anos junto com um homem influente como Auguste Rodin. "Camille também representa a tomada de consciência do valor cultural da mulher na arte", analisa. Ela foi a primeira que teve a coragem de enfrentar a escultura, o que até o século XIX era um terreno masculino, inclusive pela dificuldade de se enfrentar um bloco de mármore.

Camille foi mesmo muito forte. Além de se impor como artista, ela também **quis** garantir seu lugar como mulher. Se apaixonou e assumiu abertamente um romance com um homem

casado e mais velho que ela. Morou sozinha, longe da família para poder ter tranquilidade de trabalhar, já que a mãe a abominava assim como às suas esculturas.

Enfrentou o desprezo, o abandono e a loucura. Suas experiências se transformavam em obras de arte que traduziam o interior de sua alma.

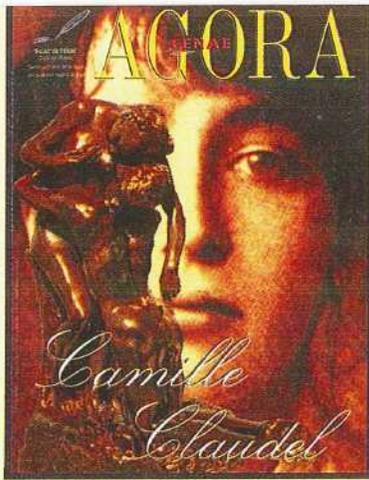
O capítulo da internação no asilo para loucos é um dos mais trágicos de sua vida. Para melhor compreender o que levou Camille Claudel aos surtos paranóicos, a psicóloga Liliana Liviano Wahba, da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, passou dois anos em pesquisas. Depois de conhecer em detalhes toda a vida de Camille Claudel, Liliana Wahba acredita que o "estrangulamento" de todo o potencial criativo de Camille promovido pelas circunstâncias fami-



Divulgação

Depois de abandonada por Rodin, Camille se apegava aos gatos





**Capa:** A obra de Camille Claudel, escultora francesa e uma artista à frente do seu tempo, transmite beleza e emoção- Pág. 18

# AGORA

FENAE

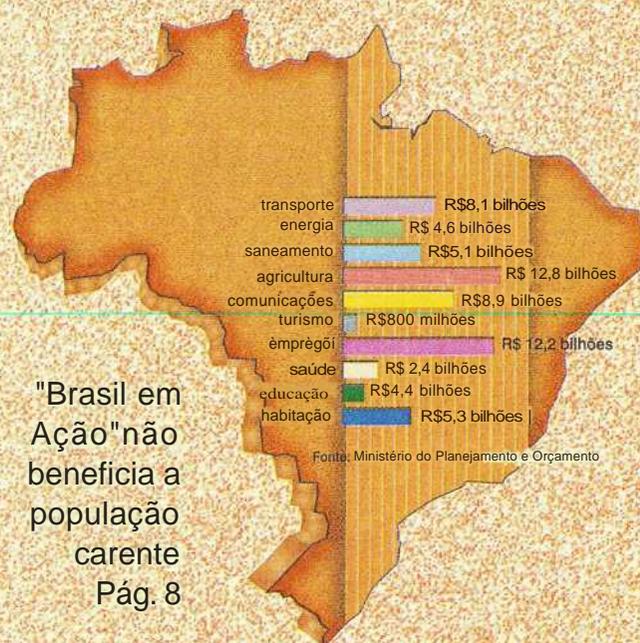


Paraná vence VI Fenec, com Luciana Walt. Pág. 25

- 5 As notícias da Internet estão em Navegantes
- 7 Janio de Freitas analisa as ações governamentais
- 13 No Congresso, a página que mostra os bastidores do Legislativo
- 14 José do Patrocínio, um herói da causa dos abolicionistas
- 15 Aloysio Biondi: "Novo terramoto à vista?"
- 15 Alça, não. O Brasil deve fazer parceria é com o Mercosul
- 29 Samba não é pagode e pagode não é samba, diz Tárík de Souza
- 30 Vinícius de Moraes, o poeta da paixão
- 34 Ilha Grande, o paraíso ecológico do Rio de Janeiro
- 35 Os animais silvestres pedem socorro



França 98, a emoção que chega com a Copa do Mundo, Haja coração! Pág.32



"Brasil em Ação" não beneficia a população carente  
Pág. 8

# *A relação entre Camille Claudel e Auguste Rodin, mestre e aluna, foi marcada por intenso sentimento, abandono e tórridas cartas de amor e de horror, que expressam bem sua história*

## *Cartas de Amor*

"Minha feroz amiga,  
...esta tarde percorri durante horas nossos lugares, sem a encontrar. Como a morte me seria doce! e como minha agonia e longa. Por que você não me esperou no ateliê? Onde está você? A que dor eu estava destinado!...Há momentos em que, francamente, creio que a esquecerei. Mas num só instante, sinto seu terrível poder, tenha piedade. Não aguento mais, não posso passar um dia sem vê-la. Senão e a atrocidade acabou, não trabalho mais, divindade malfazeja e, no entanto, amo você com furor..."

"...Minha Camille, esteja segura de que não tenho nenhuma outra amiga e toda minha alma lhe pertence..."

"...Deixe-me vê-la todos os dias. Será uma boa ação e talvez eu possa ter alguma melhora, pois só você pode me salvar com sua generosidade..."

"...Beijo suas mãos minha amiga, você me dá gozos tão elevados e tão ardentes. Perto de você minha alma existe com força e com seu furor de amor o respeito a você está sempre acima. O respeito que tenho por seu caráter, por você minha Camille, é causa de minha violenta paixão. Não me trate impiedosamente, eu lhe peço tão pouco....Não me arrependo de nada. Nem do desenlace que me parece fúnebre. Minha vida terá caído num abismo. Mas minha alma teve sua floração. Tardia, infelizmente. Eu precisei conhecer você."

*Rodin*

## *Cartas de horror*

"...Não se pode esperar obter mudanças numa casa de loucos. Os regulamentos são necessários para todas essas criaturas irritadas, violentas, que gritam, ameaçam...que seus parentes nem conseguem suportar, de tão desagradáveis e nocivas que são, e por que razão eu serei obrigada a suportá-las?..."

"...Eu gostaria de estar em minha casa e de fechar bem a minha porta. Não sei se poderei realizar esse sonho, estar em minha casa..."

"...Depois de se terem apoderado da obra de toda minha vida, mandam-me cumprir os anos de prisão que eles próprios tanto mereceriam..."

"...Na verdade, querem me forçar a fazer escultura aqui. Vendo que não conseguem, submetem-me a todo tipo de vexames. Isso não me fará mudar de idéia, muito pelo contrário...."

"...Não pude me aquecer durante todo o inverno, estou gelada até os ossos, cortada em dois pelo frio.Você não pode imaginar o quanto eu sofro..."

"...Será que Paul pretende me deixar morrer nesses asilos para alienados? Você é muito dura ao me recusar um abrigo...Eu não faria nenhum escândalo, como você pensa. Ficaria demasiado feliz só por retornar à vida comum para fazer qualquer coisa"

"...mande-me 1 kg de café brasileiro (é excelente); 1 kg de manteiga, 1 kg de açúcar e mais 1 kg de farinha; 1/4 de chá, sempre o mesmo; duas garrafas de vinho branco; 1 pacotinho de sal, 1 pedaço de sabão, algumas tangerinas e, se puder, um frasco de cerejas em aguardente, mas se for muito caro não precisa. Isso bastará."

*Camille*



Nando Neves/Documento

liares, amorosas e pela sociedade conservadora da época foram fatores decisivos para adoecer uma pessoa tão sensível.

"Camille viveu sucessivas e fortes frustrações que a levaram ao desequilíbrio emocional", explica Liliana. Basicamente, a paranóia de Camille era em relação a Rodin e seu grupo. Camille sentia-se roubada pelo ex-amante e tinha acessos de que ele estava sempre a caminho para lhe usurpar. Camille chegou a pregar as portas e janelas do ateliê em que vivia para evitar qualquer tipo de invasão. Apesar de tudo, Camille continuava a produzir. A confusão emocional, porém, só aumentou, quando ela perdeu a companhia do irmão Paul que partiu para a China em missão diplomática. A situação piorou com o alcoolismo e os períodos de fome que ela passou. Debilitada, Camille começa a destruir suas obras. Com a morte do pai, a mãe e a irmã decidem mandar Camille para um exílio sem fim.

Os trinta anos que passou nos asilos foram estéreis. Camille não produziu nenhuma escultura, o que reflete o momento em que ela viveu. A única expressão de Camille Claudel durante a reclusão foram as terríveis cartas que ela escreveu para a família. Com lucidez surpreendente em alguns momentos, ela pede que a visitem, que a deixem ir embora, **que** ela só quer ficar quieta porque não suporta mais sofrer. "Você é muito dura ao me recusar um abrigo. Eu não faria nenhum escândalo como você pensa. Ficaria feliz só por retornar à vida comum para fazer qualquer coisa." diria Camille em uma das cartas à mãe. Na solidão, Camille tem crises paranóicas que a levam a temer ser envenenada. Sua dieta se restringe a ovos e batatas que ela mesma cozinha. Liliana Whaba lembra que Camille costumava aceitar os doces que a família lhe mandava.

"Isso significa que aquele alimento representava simbolicamente todo o afeto que Camille buscava e que poderia ter sido a salvação de sua tragédia."

## O mestre reviveu a Renascença com esplendor

Considerado um dos maiores gênios da escultura, Auguste Rodin teve uma infância pobre em Paris. Nasceu em 12 de novembro de 1840 e morreu 77 anos depois. Antes de se dedicar às esculturas, Rodin trabalhou com artes decorativas. Estudou com um mestre da época, **Carrier** Belleuse. Após uma tentativa frustrada no Salão de Paris em 1864 com o seu "Homem do Nariz Quebrado", Rodin causou grande escândalo ao apresentar ao público em **1877** "A Idade do Bronze". Foi acusado de usar um modelo vivo como molde para sua escultura. O fato o tornou famoso e as encomendas não pararam de chegar.

Rodin trabalhava intensamente e se inspirou muito nas esculturas da Renascença italiana. Sua grande inovação foram as figuras torcidas, exprimindo movimento. Rigoroso na anatomia dos corpos que esculpia, chegou a ser criticado como formalista excessivo. Seus méritos, porém, transcendem ao tempo. A prova de sua maestria está em centenas de esculturas como "O Pensador" (1880), "O Beijo" (1886), "Os Burgueses de Calais" (1889), "O busto de Victor Hugo" (1890...), entre tantas outras. Rodin foi o primeiro artista plástico a experimentar o sucesso em vida, fato que até então só acontecia com alguns pintores e músicos.

A diversidade de estilos, a liberdade na abordagem dos temas e os conceitos desenvolvidos em sua obra fazem de Rodin um dos maiores criadores de todos os tempos. Rodin é figura obrigatória para a compressão da arte do nosso tempo.

# Grito de brasilidade ecoou no VI Fenec

O ciclo dos festivais, que revelou nomes como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso e Milton Nascimento, não acabou. Não há exagero na afirmação de que a sexta edição do Fenec (Festival Nacional de Música dos Empregados da CEF) caracterizou-se por revelar o novo e pelo grito de brasilidade que escorria das bocas sincopadas dos empregados da Caixa.

Para Vital Farias (foto oval abaixo), artista paraibano que presidiu o júri oficial do VI Fenec, a musicalidade inata do empregado da CEF transformou o festival em um cenário de criatividade cultural do Brasil.

Crítico da estrutura musical que retorca o mercantilismo. Farias elogiou a qualidade das músicas apresentadas pelo VI Fenec. "Os níveis dos cantos e das composições foram de bom pra cima. Surpreendi-me com o profundo sentimento de brasilidade revelado pelo trabalho musical dos profissionais da Caixa".

Na opinião de Farias, o VI Fenec - que teve um enfoque centrado nas raízes brasileiras - representa a vitória dos empregados da CEF contra o esquema comercial da mídia. "Ganhar dinheiro não é tudo". Ele criticou ainda o descaso da direção da Caixa para com a cultura produzida por seus empregados, haja vista que "a empresa não contribuiu com absolutamente nada para o êxito do festival".

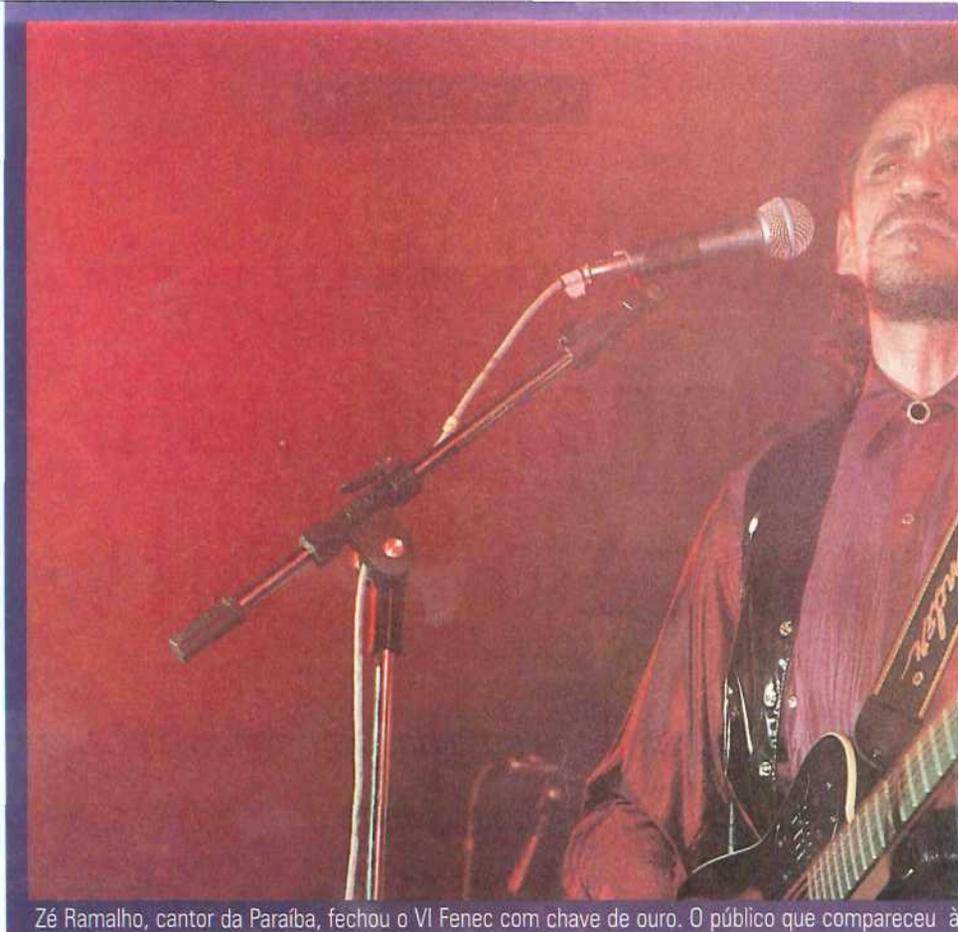


Divulgação

Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Roraima, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Foi um pequeno painel da resistência e de que é preciso "deixar acesa a chama de cultura que corre nas veias dos empregados da CEF de todo o Brasil", disse Carlos Caser, presidente da FENAE, durante a cerimônia de abertura do evento. A presidente da APCEF/PB, Aparecida Torres Diniz de Almeida, a quem coube organizar o festival, desejou que as vozes dos empregados da Caixa se unam dentro e fora da empresa, "nos momentos em que isto for necessário".

## Mistura O Brasil brasileiro em que Mistura

predominam as cores, a nítida mistura das raças, a música, o molejo e o sorriso brilhou no VI Fenec. O festival proporcionou espetáculos distintos. No dia da primeira semifinal, em 19 de  
FA 26 mai/98



Zé Ramalho, cantor da Paraíba, fechou o VI Fenec com chave de ouro. O público que compareceu à

março, com oito concorrentes, quem fechou a noite foi a banda gaúcha Salada Mística, formada por Ricardo Paulino Reis e Angelino Rogério (ambos empregados da CEF). Eles se conhecem há 12 anos e têm como marcas registradas a pihéria e o deboche em torno da realidade sócio-política do país. No tempo em que esteve no palco da Boate da Caixa, durante o VI Fenec, a dupla do escracho colocou todo mundo para rir. Angelino e Paulino explicaram que o embrião do Salada Mística surgiu em setembro de 1993, por ocasião do Fenec de São Luís do Maranhão. O show da banda reúne música, teatro e humor. "Nossa principal proposta é a interação com o público das cidades onde nos apresentamos. Procuramos levar alegria para a comunidade e fazemos um show de humor sem palavrão", garantem os músicos dos pampas gaúchos. Depois



O humor ficou po

# Luciana Walt, do Paraná, brilha e vence o VI Fenec

*O festival revelou o talento do empregado da Caixa e conseguiu atingir toda a cidade de João Pessoa*

**A** cantora certa, na música certa, no festival certo. As seis mil pessoas que estavam na sede da APCEF/PB, em João Pessoa, na madrugada de 22 de março, vibraram quando o humorista Cristóvão Tadeu, apresentador do evento, começou a anunciar os vencedores da sexta edição do Festival Nacional de Música dos Empregados da Caixa Econômica Federal (VI Fenec), realizada entre os dias 19 e 21 daquele mês. Agrande vitoriosa veio do Paraná. Luciana Walt arrebatou cinco dos sete prêmios em disputa. Levou com "Minha voz" o primeiro lugar do festival e os prêmios de melhor intérprete, melhor letra, melhor arranjo e melhor música. Uma unanimidade e um feito inédito no currículo do Fenec, evento que surgiu em 1986 e cuja primeira edição ocorreu em Vitória (ES). O título de segundo lugar foi para o representante da Paraíba, Raul Marques, com a música "Lixo". O sergipano Cícero Holanda, com "Meu país", conquistou o terceiro lugar. Houve premiação em dinheiro

**"Venceu a persistência e a vontade de fazer um trabalho bonito. O Fenec tem o brilho dos empregados da Caixa"**

*Luciana Walt, do Paraná*

para os três primeiros colocados: R\$ 2 mil (primeiro lugar), R\$ 1 mil (segundo) e R\$ 500 (terceiro).

Estatuetas e prêmios de R\$ 500 foram concedidos ainda aos campeões nas categorias de melhor intérprete, melhor arranjo, melhor composição e melhor música. As duas semifinais do festival reuniram na capital paraibana representantes de 17 APCEFs:

Acre, Alagoas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de

"Minha voz" ganha título de campeã e emociona a PB

**Autora: Luciana Walt**  
**Intérprete: Luciana Walt**

Um sonho tímido cresce em  
minha garganta  
O sopro único aflora e se agiganta  
Minha voz, prisioneira de  
mim, se liberta  
A boca, enfim porta aberta  
Rompe as amarras, expulsa o medo  
E agora canta. Canta  
Canta, voz companheira  
Vibra feito criança  
Encanta voz feiticeira  
Grita como vingança  
ou brincadeira!!!  
O acorde flácido nela germina  
Floresce rápido e rouco, desafina  
Minha voz, desgarrada de mim,  
se acovarda  
A boca assim se resguarda

Cala seu canto,  
chora em silêncio  
E a voz termina...  
Volta, voz  
flagelada  
Embala o som  
que te habita  
Explode,  
voz acanhada  
E eternizada



Com um jeito intimista de cantar, Luciana Walt empolgou João Pessoa

# Eventos feitos com empenho e carinho dão bons resultados

Carlos Caser, presidente da FENAE, acha que o VI Fenec mostrou que as alegrias valem o esforço e que o sonho vale a luta. Ele concedeu a seguinte entrevista para a FENAE AGORA.

**FA** - Qual a avaliação que você faz do VI Fenec?

**Caser** - Foi o festival de música mais bem organizado de todos os que já fizemos. O pessoal da Paraíba, com uma equipe não muito grande, conseguiu transformar este festival em espaço privilegiado de confraternização. Um exemplo a ser seguido. Uma prova de que as coisas feitas com empenho, carinho e cuidado dão resultado. Neste sentido, o VI Fenec foi um marco. As APCEFs precisam botar energia nos eventos culturais e esportivos. Sozinha, a FENAE não faz milagre e não consegue promover um evento em que as pessoas sintam orgulho de participar.

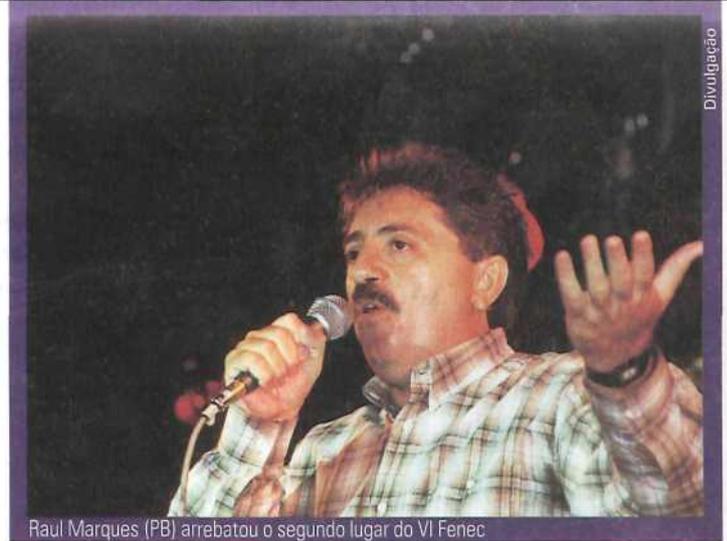
**FA** - E como festivais como esse contribuem para o movimento cultural da CEF?

**Caser** - Não fazemos festival para criar músicas, mas para incentivar a competição saudável. O Fenec, neste caso, é um espaço para que setores que produzem música dentro da Caixa Econômica Federal possam se reunir e apresentar seus trabalhos. A cultura sempre viveu de migalhas. Pouca gente dá importância real e verdadeira a essa área. A FENAE e as APCEFs vêm cumprindo o papel de oferecer oportunidades para quem quer mostrar seu trabalho.



Caser: "O festival foi um marco"

música brasileira, dando vez aos talentos da Caixa Econômica Federal. Emanuel de Jesus afirmou, por outro lado, que este talvez seja o CD, incluindo os discos de outros Fenecs, mais homogêneo já elaborado com a marca da federação.



Raul Marques (PB) arrebatou o segundo lugar do VI Fenec

## Tradição Pela primeira vez em sua

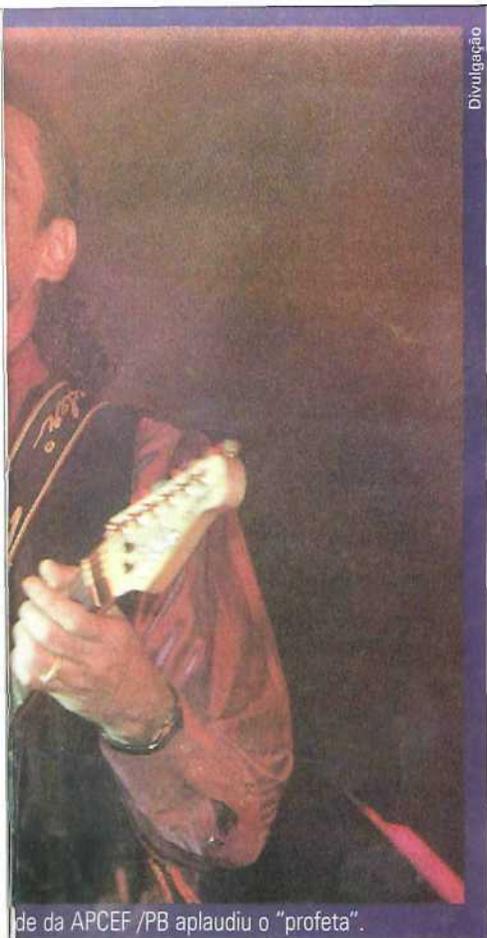
história, o Fenec aconteceu em uma associação de pessoal da Caixa. A sexta edição do festival teve a coragem de retomar uma tradição entre os empregados da CEF, que estava interrompida desde 1993. Para organizar um evento desse porte, a APCEF/PB contou com a colaboração de uma equipe técnica de 70 pessoas. É certo ainda que o VI Fenec possa ser considerado um representante em miniatura dos festivais de MPB organizados pela TV Record na década de 70. Isto porque a virtude comum de ambos os eventos, guardadas as devidas proporções, é o bom padrão técnico.

A decisão de premiar Luciana Walt, do Paraná, foi unânime. O coordenador do júri oficial, o músico paraibano Vital Farias, simpatizou de imediato com o trabalho da artista paraense. Ele disse que Walt mereceu todos os prêmios que lhe foram outorgados. Essa opinião foi compartilhada pelo júri da crítica, composto por três jornalistas de João Pessoa. Coube a esse júri, uma tradição nos festivais de cantoria da Paraíba, escolher a melhor música do VI Fenec. O motivo que levou a APCEF/PB a instaurar no Fenec a figura do júri da crítica foi a necessidade de estabelecer um diálogo com a mídia. Inovação que, na prática, se

mostrou acertada.

Ainda sob o calor da premiação, Luciana Walt se confessou em estado de choque, garantindo que o resultado do festival é um impulso essencial para que tente uma carreira na música, cantando e compondo. A trajetória artística de Walt iniciou-se quando ela tinha 15 anos de idade. Foi a partir dessa época que começou a cantar nas noites curitibanas, seguindo os passos do pai-seresteiro. Participou do Fenec pela terceira vez. Seu trabalho com a música é feito apenas nas horas vagas e, mesmo assim, Walt já gravou - em parceria com outros compositores do Paraná, inclusive Evelise Tissori Vargas, a vencedora do festival de São Luís do Maranhão, o CD "Musas curitibanas". Foi influenciada por Elis Regina, mas busca adquirir cada vez mais um estilo próprio. Entrou na CEF em 1989 como escriturária e, atualmente, está lotada na agência Colombo, na região metropolitana de Curitiba. São muitos os planos para o futuro. Um deles é o de gravar um CD com composições de sua própria autoria.

No festival da Paraíba, Luciana Walt interpretou a música "Minha voz", acompanhada pelos músicos curitibanos Jefferson Sabbag e Gerson Bientenez. Foi uma interpretação digna de uma profissional experiente e competente, com um estilo mais intimista de cantar. Ela é dona de um vocal puro, suave e melódico. Definitivamente, a talentosa empregada da CEF quer fazer da música não uma aventura efêmera, mas uma grande arte. Uma prova de que o título de campeã do VI Fenec ficou em boas mãos. **FA**



de da APCEF /PB aplaudiu o "profeta".

do Salada Mística, subiu ao palco a banda paraibana Absurdus, composta só de mulheres. Na sexta-feira, 20 de março, segunda classificatória, logo depois das apresentações dos representantes de nove estados, foi a vez da S3 - movida a samba, suor e suíngue - mostrar porque é considerada a melhor banda de pagode do Nordeste. Não deu pra ficar parado.

Durante a grande final, no sábado de 21 de março, contando com a participação de 12 concorrentes, João Pessoa parou para assistir ao show do filho da terra Zé Ramalho. O "profeta" (apelido que recebeu de seus fãs) soltou o vozeirão e apresentou sucessos que marcaram diferentes momentos de sua trajetória artística. Foi um espetáculo tão eletrizante que a pequena multidão de seis mil pessoas não se



nta do Salada Mística

incomodou em aguardar o resultado final, divulgado apenas nas primeiras horas da madrugada de domingo (22 de março).

Os 12 finalistas figuram no repertório do CD do VI Fenec, gravado por seus intérpretes em João Pessoa, no estúdio SG - de Sérgio Galo. Trata-se de uma novidade, pois até o V Fenec os finalistas gravaram apenas um LR. Em breve esse CD estará disponível no mercado fonográfico. Uma pequena cota desse material será distribuída como brinde dentro do ambiente do movimento sindical bancário, com o objetivo de promover a arte do pessoal da CEF. Participam do CD os seguintes concorrentes: Miguel Pacífico-AC ("Casa, flor e amor"), José Rodrigues-ES ("Valsa de um violeiro"), Milton Júlio

Magalhães-RS ("Canto igual"), Nilson Aquino-BA ("Lamento para uma fada"), Vera Lúcia da Rocha-AL ("Beleza delicadeza"), Ronaldo de Oliveira-RJ ("Despertar"), Raul Marques-PB ("Lixo"), Rosinha Peixoto-RR ("Grito da raça"), Cícero Holanda-SE ("Meu país"),

Luciana Walt-PR ("Minha voz"), Edmar Costa-RN ("Planeta vida") e Ana Cláudia Monteiro Farias-MA ("Gente do choro"). Para os participantes, que

também terão direito a uma cota do CD, este é um "presente da China", o maior dos prêmios, pois contribui para a divulgação de seus trabalhos para um público extra-CEF, **abrindo** - quem sabe - algumas portas no circuito comercial. Caser explicou que o objetivo da FENAE, ao gerar esse CD, é incentivar a produção da

## "O Fenec faz o intercâmbio entre os empregados, as entidades representativas e a comunidade"

*Carlos Borges, diretor financeiro da FENAE*

## Troféu exprime conceito de música como arte e ciência

O conceito de música como arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido foi levado em conta pelo artista plástico paraibano José Alves, a quem coube criar o troféu que premiou os ganhadores da sexta edição do Festival Nacional dos Empregados da Caixa Econômica Federal (VI Fenec).

No troféu do VI Fenec, Alves mostra toda a força e imponência do ser humano, em perfeita harmonia com a suavidade e leveza da música, uma das expressões maiores da cultura produzida pela humanidade. A obra é uma fascinante viagem ao universo das cores e dos traços e tem por objetivo, segundo palavras do próprio autor, "mostrar a procura incessante do

homem por seu espaço e pelo verdadeiro sentido da vida".

Velho conhecido das rodas culturais de João Pessoa, José Alves já participou de exposições por quase todo o Nordeste, região onde conquistou relativo sucesso. No ano de 1993, por exemplo, venceu na Paraíba e no Rio Grande do Norte o concurso nacional promovido pela Caixa para a confecção de cartões de Natal. A ele coube inaugurar, na capital paraibana, espaços reservados à cultura plástica nas agências da CEF (ags. Cabo Branco e Trincheiras).

Seus trabalhos utilizam toques sutis e estão carregados de cores fortes, caracterizando-se pela procura contínua de um traço próprio. Foi isso que ele se propôs a revelar no troféu criado para o VI Fenec.



# Nem todo samba é pagode, nem todo pagode é samba

■ Tárík de Souza

**G**ênero imprescindível à cesta básica da nacionalidade, o samba não escapou ao bombardeio de descaracterização cultural que assola o país. Seu ritmo adaptado a uma levada mais lenta, com letras de um sentimentalismo medíocre indigno da caligrafia elegante de Cartola, Nelson Cavaquinho, Wilson Batista, Geraldo Pereira ou Noel Rosa, está fazendo afortuna de muito grupo que usa o nome do pagode em vão. Associados, em alguns casos, à prática corrupta do jabá (pagamento ou troca de favores para a execução de músicas), certos artistas ocupam espaço maciço na TVs e rádios e moldam um futuro ralo para as novas gerações dessa música que é uma das mais ricas e inventivas do planeta. Mas nem tudo é derrota nesse ambiente desolador. O ancestral Carlos Cachaca, que abençoou Chico Buarque no último desfile vitorioso da Estação Primeira de Mangueira, o bamba Nelson Sargento - que conviveu com Cartola e o xará do Cavaquinho - dialogam com uma nova geração de ases compromissados com a tradição - poética do samba.

Além do decano Maninho da Vila, que teve um recomeço de carreira na explosão de seu "Tá delícia, tá gostoso" (mais de um milhão e meio de compradores) e Zeca

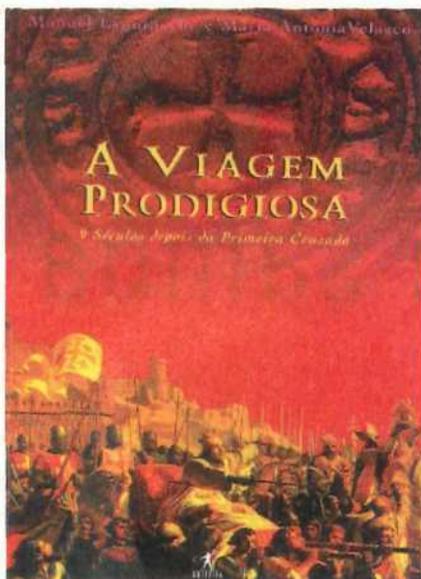
Pagodinho, que garante em sua área a continuidade do estilo versado, o samba continua em movimento. O próprio Maninho fundou um butiquim que leva seu nome na Vila Isabel, que já se transformou em plataforma para sambistas noviços. Entre as lideranças emergentes, Noca da Portela, que comanda um pagode infiltrado na zona sul carioca, tem sido outro destaque. A Casa da Mãe Joana, no subúrbio carioca de São Cristóvão, durante muito tempo comandada pelo militante Monarco, é outro núcleo de oxigenação do gênero que, no ano passado, completou oficiais 80 anos, contados a partir do inaugural "Pelo telefone".

Com o atraso regulamentar dos grandes bambas, quem chega ao disco é o sambista do bairro carioca de Botafogo, Walter Alfaiate. Nenhuma grande gravadora se interessou e a bolachinha prateada "Olha aí" saiu pelo selo Alma, do compositor Aldir Blanc. Gravado anteriormente por Paulinho da Viola ("Cuidado, teu orgulho te mata"), Elza Soares ("Sorri de mim"), João Nogueira ("Bate boca") e Cristina Buarque ("Viôlão amigo"), Walter, que iniciou a carreira em 1949 cantando na boate Bolero, em Copacabana, está com 67 anos e sobreviveu do ofício costurado ao sobrenome artístico. No disco de estréia, ele manda as próprias "Coração oprimido", "Barba de molho", "A mulher que eu

adoro" e "Amor". Amor, além do sarcástico e ainda atual "Ministério da Economia", de Geraldo Pereira e "Falso amor sincero", do mestre Nelson Sargento.

Além de Luís Carlos da Vila, autor do célebre samba-enredo "Quizomba - a festa da raça", que deu uma vitória épica à escola de samba Vila Isabel e lançou recentemente outro bom disco do ramo. Uma festa no samba e de pagodeiros de raiz como Arlindo Curz, Franco, Sombriinha e Mauro Diniz, despontam novas forças no embate pela sobrevivência do batuque corno Luizinho SP (uma exceção na área no antigo túmulo do samba, como chamava Vinícius de Moraes) e Cadinhos do Cavaco, Marcos Sampaio, o Marquinho de Oswaldo Cruz, têm comandado vários movimentos de resgate do gênero no Rio, como a semana Paulo da Portela, o movimento Acorda Oswaldo Cruz, o pagode do Trem, o projeto Samba de Raiz (na Lapa) e o movimento Quilomba do Samba, reeditando a idéia do luminar Candeia. Aos 35 anos, mesmo antes de gravar o primeiro disco com composições como "Homenagem", "Nosso romance", Marquinho já se destaca na reciclagem de uma tradição que agoniza, mas não morre.

↑ Tárík de Souza,  
jornalista FA



## A Viagem Prodigiosa

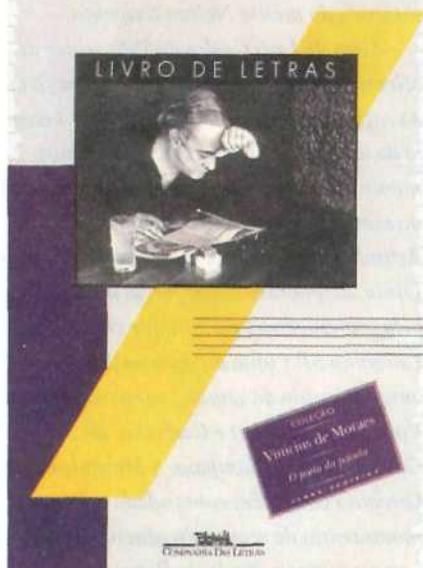
A maior migração da história: "A Viagem Prodigiosa", nove séculos depois da Primeira Cruzada", escrito a quatro mãos por Manuel Leguineche e Maria Antônia Velasco conta, a partir de minuciosa pesquisa histórica, a viagem de seis milhões de pessoas, em pleno século XI, em direção a Jerusalém. O objetivo da cruzada convocada pelo Papa Urbano II era tomar a cidade Santa das mãos dos infiéis.

Foi a única das oito cruzadas que deu certo. Sob o lema "Deus Quer", cava-

leiros, nobres, religiosos, famílias inteiras marcharam durante anos até alcançar a cidade na qual morreu Jesus.

A dupla de escritores espanhóis fez uma boa parceria: ele, historiador; ela, escritora, fizeram um livro instrutivo, cativante e recomendável para os tempos de hoje, nos quais a descrença na humanidade aumenta a fé e busca do ideal religioso. Publicado pela editora Objetiva, é leitura obrigatória para quem busca lazer e conhecimento ao mesmo tempo.

## VINÍCIUS DE MORAES



## Vinícius, o poeta da paixão

Publicado em 1996 pela editora Schwarcz, é uma coletânea de dez livros sobre Vinícius de Moraes. A obra (e parte da vida) do poetinha é disponibilizada para nós, pobres mortais, conhecermos um pouco mais da genialidade de um homem sem limites, " que não admitiu poupar a vida como se ela fosse um estoque limitado e frugal de emoções".

Os sonetos, a antologia poética, a letras das músicas, histórias deliciosas de um homem em permanente busca são oferecidas para os admiradores da verdadeira cultura nacional, particular-

mente carioca.

O diplomata que abdicou da carreira, graças a Deus, para dedicar-se a vida, deixou-nos uma obra tão imensa quanto bela, que é esmiuçada nessa publicação. Falar de Vinícius é difícil. Tão melhor, então, se for por ele mesmo no EPITÁFIO: Aqui jaz o sol/Que criou a aurora/E deu luz ao dia/E apascentou a tarde O mágico pastor/De mãos luminosas / Que fecundou as rosas/E as despetalou. Aqui jaz o sol/O andrógino meigo/E violento que possuiu a forma/De todas as mulheres/E morreu no mar. (Oxford, 1939).

## Através das Oliveiras

Quem assistiu ao belíssimo "Gابه", se emocionou com "Salve o Cinema" e se comoveu com a personagem infantil de "O Balão Branco", tem a obrigação de se deixar encantar por "Através das Oliveiras", o filme de estréia no Brasil do diretor iraniano Abbas Kiarostami. O filme é de 1994 e mostra muito mais do que os bastidores do cinema. É um filme sobre o amor quase impossível entre dois jovens numa aldeia no Irã.

Atente para a declaração de amor que o personagem do rapaz faz em uma das mais simples e bonitas cenas que o cinema do Oriente produziu.

Legendado. 103 min.

## Os Fuzis

No momento em que famílias pobres do Nordeste ameaçam saquear armazéns de gêneros alimentícios, como o que ocorreu há poucas semanas em Pernambuco, nada mais oportuno do que rever um dos clássicos do Cinema Novo. "Os Fuzis", do diretor Ruy Guerra, conta a saga de famílias pobres que se re'unem em uma pequena cidade do interior da Bahia. Elas estão em busca de alimentos, já que a seca dizimou tudo. Preocupado com o saque, o dono de uma cerealista convoca o Exército na tentativa de conter os famintos. Política e dramas pessoais se misturam para denunciar a vida do sertão e os duros tempos da repressão no Brasil. "Os Fuzis" foi premiado em Berlim em 1964, ano de seu lançamento.

Preto e Branco. 81 min.

# Bolão da FENAE

*Com caráter cultural, a FENAE promove novo concurso. Desta vez, o tema diz respeito à Copa do Mundo. Objetivo: confraternização dos empregados da CEF*

1 - O concurso "Bolão da FENAE" tem caráter exclusivamente cultural e não é subordinado à compra de qualquer tipo de produto ou serviço.

2 - Podem participar da promoção somente os empregados da Caixa Econômica Federal - ativos e aposentados - que sejam associados de APCEF e/ou contribuintes do FENAE Doações.

3 - A comprovação da condição de empregado da Caixa é condicionante para o recebimento do prêmio.

4 - Não poderão participar deste concurso os diretores da FENAE e empregados da Caixa ligados direta ou indiretamente às empresas do grupo FENAE e às associações do pessoal da CEF.

5 - Serão considerados válidos os cupons que chegarem à FENAE, cujo endereço está na página 4

desta revista, até o dia 10 de junho de 1998.

6 - Só serão aceitos cupons originais recortados da revista

7 - Quem mandar mais de um cupom será eliminado do sorteio.

8 - Para concorrer ao prêmio, é necessário acertar o nome da seleção que será campeã da Copa do Mundo de Futebol - França 98.

9 - Havendo mais de um acertador, o prêmio será sorteado.

10 - Caso não haja acertador do campeão, concorrerão ao sorteio os cupons que tiverem indicado como campeã a seleção que acabou em segundo lugar.

11 - O contemplado terá direito a duas passagens aéreas (uma para si e outra para um acompanhante), de ida e volta, para qualquer capital de estado e hospedagem durante um final de semana.

12 - As passagens são válidas para os seguintes períodos: 15 de agosto de 1998 a 15 de novembro de 1998 e 15 de março de 1999 a 10 de junho de 1999.

13 - As passagens e a hospedagem são intransferíveis.

14 - O contemplado será comunicado pela FENAE por telegrama. O resultado do sorteio será publicado na revista FENAE AGORA de agosto.

15 - O vencedor terá prazo até primeiro de agosto para confirmar o interesse em receber a premiação. Caso não o faça até esta data, novo sorteio será efetuado entre os acertadores.

16 - O sorteado terá prazo até 10 de junho de 1999 para usufruir do prêmio. Após esta data, o direito prescreverá.

17 - Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela diretoria da FENAE. FA

Lisar b

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Matrícula: \_\_\_\_\_

Lotação: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Telefone da unidade: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

CI: \_\_\_\_\_

Campeão da Copa do

CIC: \_\_\_\_\_

Mundo de Futebol - França 98: \_\_\_\_\_

# Haja coração

*A emoção vem aí. Prepare sua IV e torça, pois queremos o penta*

**O** dia 10 de junho de 1998 está aí. O clima de estádio cheio, com Ronaldinho e Cia entrando em campo, já começa a pegar. Brasileiro que é brasileiro - "de estatura mediana, bom de bola e ruim de grana" - sente aquele fríozinho na barriga metade vazia, metade sem nada.

A sede da XVI Copa do Mundo de Futebol será a França, país charmoso, povo culto... E bom de bola também. Muita gente já deve tá pensando:

- O penta num seria nada mal.

A final está marcada para o dia 12 de julho. E o Brasil, pra variar, é favorito.

Desemprego?!!! Eleição?!!! Tudo bem, a gente encara. Não dá para descuidar dessas coisas. Mas vamos manter um olho aqui e outro lá na França.

Das 15 copas já realizadas, oito aconteceram na Europa e sete nas Américas. O escrete, canarinho foi o único a conquistar o caneco fora de seu continente. Foi na Suécia, em 1958, com aquele tímaço que contava com Didi, Nilton

Santos, Garrincha, Djalma Santos e o garoto Pelé, de apenas 17 anos.

O Brasil saiu daqui um tanto desacreditado. Havia conquistado o passaporte para a Suécia com alguma dificuldade nas eliminatórias - empatou com o Peru, em Lima - placar de 1 a 1 - e ganhou no Maracanã com um magro 1 a 0.

Além disso, nosso time já havia perdido o Mundial de 50, no "desastre do Maracanã", em 16 de julho. Difícil esquecer: a Seleção brasileira jogava pelo empate. O palco estava montado para a grande final, que deveria entrar para a história como a do primeiro título mundial tupiniquim. Duzentas mil pessoas no Maraca. Quando Friaça fez 1 a 0, no início do segundo tempo, a sorte parecia estar definitivamente selada. Mas, aos 22 minutos, Schiaffino empata o jogo para a celeste olímpica. Apesar do susto, o empate ainda garantia o título à nossa Seleção. Eis que aparece pela direita o uruguaio Ghiggia, invade a área e bate, surpreendendo o goleiro Barbosa, que esperava um cruzamento do camisa sete: 2 a 1 para o Uruguai e "um silêncio ensurdece-

dor (sic) no Maracanã".

Em 54, os brasileiros ainda não haviam esquecido a tragédia do Maracanã. Na tentativa de sepultar aquele fantasma, foi escolhido um novo técnico, Zezé Moreira, o inventor da "diagonal", e o azul e o branco - cores do uniforme até então - foram substituídos pelo verde e o amarelo. O jornalista Geraldo José de Almeida criou então o apelido seleção canarinho. Mas ainda não havia chegado a hora. Nas quartas-de-final, o Brasil foi derrotado por 4X2 pela Hungria. Ao final do jogo, houve uma briga generalizada entre as duas delegações, episódio que ficou conhecido como a "batalha de Berna". A Alemanha sagrou-se campeã.

Depois da conquista de 58, na Suécia, o Brasil foi bicampeão no Chile, em 62, tricampeão no México, em 70, e tetracampeão nos EUA, em 94. Se ganhar na França este ano, será campeão mundial pela segunda vez fora do continente, sem que nenhuma outra Seleção tenha conseguido tal feito. FA

Confira os horários e jogos do Brasil na 1ª fase

Dia 10/6

Brasil x Escócia

12h30 - Saint Denis

Dia 16/6

Brasil x Marrocos

16h - Nantes

Dia 23/6

Brasil x Noruega

16h - Marselha

# De olho no apito

*As arbitragens podem influenciar decisivamente a Copa do Mundo. Quem tem Ronaldinho no ataque sabe disso. O ruim é que Júnior Baiano fica atrás*

**A**pós a desastrosa passagem do argentino Javier Castrilli pelo Brasil, todo mundo está se borrando todo com o que pode acontecer com as arbitragens na Copa da França. Até eu, que não concordo com quase nada do que pensa o velho Lobo Zagallo, estou com ele quando pede que as regras sejam uniformizadas.

Até agora, ninguém sabe ao certo como serão punidos os carrinhos por trás: se com cartão amarelo ou vermelho. E os agarra-agarra na área? (como naquele primeiro pênalti marcado contra a Portuguesa no fatídico jogo contra o Corinthians).

Quer dizer, os velhinhos da Fifa se reuniram várias vezes mas não chegaram a nenhuma conclusão.

Talvez por estarem mais preocupados com a eleição do sucessor de Havelange, eles deixaram para lá as definições sobre arbitragem.

A tendência é que o pau vá comer a torto e a direita na última Copa do século. E devido a uma série de razões: o monte de pernas-de-pau de muitas das 32 seleções presentes e, principalmente, pela cabeçinha de Santo Onofre da maioria dos treinadores, que mandam baixar a lenha nos craques como último recurso para a catástrofe.

Se esse tal de Castrilli que, no Brasil, virou sinônimo de juiz ladrão, é considerado o melhor da América Latina, imagina o resto. O nosso representante, apesar de bom moço e de politicamente correto - é candidato a deputado estadual - também já fez suas lambanças. E das grandes! Foi ele, Márcio Rezende de Freitas, quem apitou a final do Brasileiro

de 95, entre Botafogo e Santos. E gol em impedimento do Túlio, que ele mesmo reconheceu mais tarde, ficou para sempre entalado na garganta dos santistas.

Sei que não é mole ser árbitro de futebol. Bandeirinha, então, é profissão de maluco. Só pode ser coisa de sujeito que tem problemas com a mãe e quer se vingar dela na frente da multidão.

Diante de tantas confusões, de tantos desencontros, e antes que o pessoal se borre de vez, será que não é a hora da Fifa mudar radicalmente esse negócio de arbitragem em Copas do Mundo? O telão dos estádios está ali mesmo, esperando a hora em campo. E o videoteipe pode ser burro, como dizia Nelson Rodrigues, mas não mente.

Sem que não é hora da Fifa mudar as arbitragens?



José Trajano

jornalista

## Saint Denis

Cidade real. Lugar prestigioso da França Medieval. Famosa Abadia do século VII. Durante muito tempo se falou que Paris estava perto de Saint Denis. Lugar de enterramento da maior parte dos Reis da França.

O Estádio Gran Estádio, próximo ao centro urbano, tem capacidade para 36.000 lugares sentados.

## Nantes

Capital dos duques de Bretana, Anjou e Vendee. Cidade Universitária. Primeiro porto comercial da França. Grande centro industrial e comercial, construção naval e eletro.

O Estádio La Mosson, situado a 7 km do centro, tem capacidade para 40.000 lugares sentados.

## Marselha

Cidade mediterrânea ao sul da França. É um dos principais portos da região além de ser rica em frutos do mar.

O Estádio La Mosson tem capacidade para 35.000 lugares sentados.

Fonte: [www.omegato.com.br](http://www.omegato.com.br)

# Ilha Grande: paraíso ecológico

*Muitos lugares e muitas praias atraem turistas de todo o mundo*

**I**lha Grande, no Rio de Janeiro, é o paraíso de quem gosta de ecoturismo, patrimônio histórico e um litoral marcado por centenas de praias de águas cristalinas, em tons levemente esverdeados. Ali os 365 dias do ano parecem festa aos olhos dos que visitam a baía da Ilha Grande, situada num santuário construído pela natureza ao longo dos últimos 13 mil anos e que fica entre os municípios de Paraty e Angra dos Reis.

Heterogênea, a Ilha Grande, na verdade, são muitos lugares em um só. Em geral o que serve para uma vila, não combina com a outra. Isto é assim porque a região possui uma enorme biodiversidade vegetal e animal, que representa uma síntese do ecossistema da Mata Atlântica típica do sudeste brasileiro.

Originalmente habitada pelos índios tamoios, um povo que ficou famoso por sua altivez e por sua capacidade no manuseio do arco e da flecha e que era formado por exímios pescadores e caçadores, a Ilha Grande - ou Ipaum-Guaçu

no linguajar tupi - é palco de histórias fantásticas e tem grande significado em passagens importantes da história do Brasil. Detalhe: a tradição indígena está presente nas características da população local, fortemente ligada ao mar e à pesca, praticada - em muitas regiões - ainda de maneira artesanal. O recorte do território proporciona uma grande quantidade de enseadas e sacos com praias de águas calmas.

A ilha é o novo  
eldorado  
turístico do  
Rio de Janeiro

FA

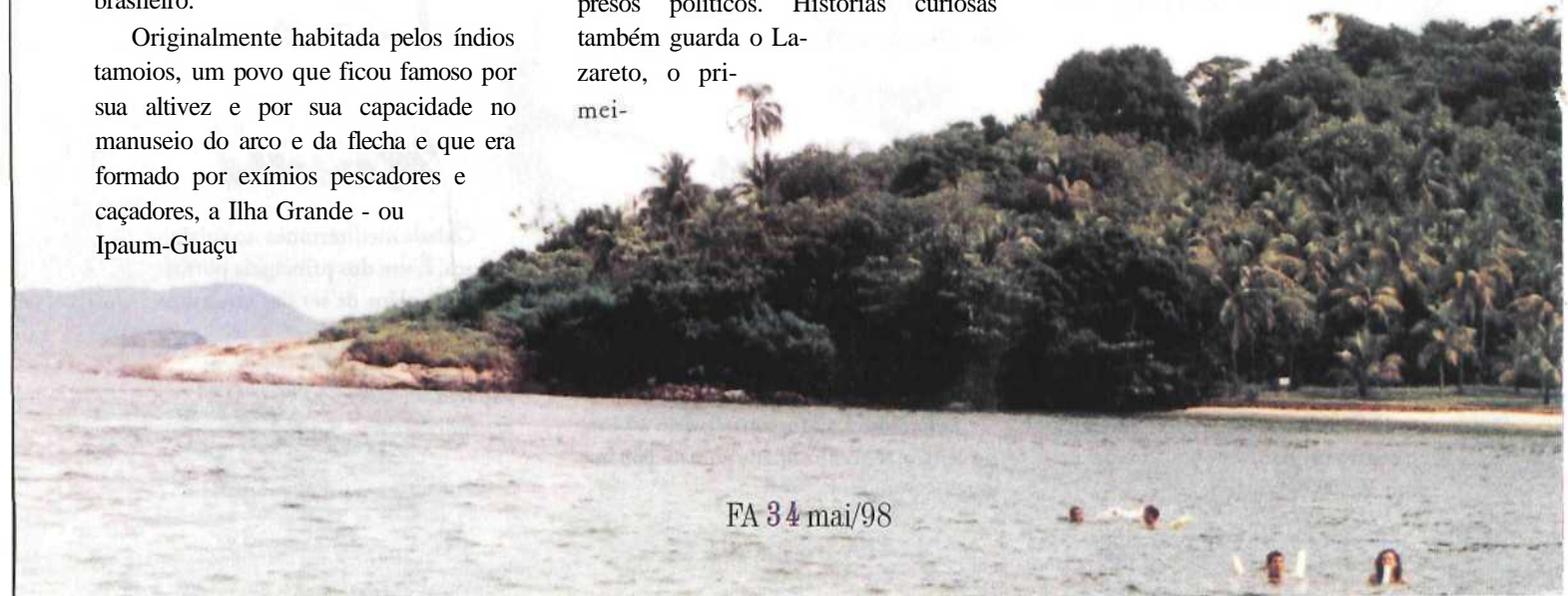
**Vocação** A capacidade turística-ecológica de Ilha Grande parece não ter fim. A região passou a ser o novo Eldorado do turismo carioca desde que a implosão da Colônia Penal Cândido Mendes, em 1994, libertou uma vocação reprimida por mais de 90 anos. Essa

colônia ficou conhecida durante o regime militar, notadamente por ter abrigado presos políticos. Histórias curiosas também guarda o Lazareto, o pri-  
mei-

ro presídio, que serviu para que se realizasse a quarentena nos europeus que aqui desembarcavam, entre 1885 e 1913. Em 1892 o Lazareto foi utilizado como prisão para os líderes da Revolta da Armada e, a partir de 1910, se transformou em presídio para abrigar presos políticos. Lá Graciliano Ramos escreveu "Memórias do cárcere".

Tão inusitadas quanto diversificadas são ainda as histórias de piratas. É que a movimentação de riquezas em torno da Ilha, com o transporte de escravos, ouro, açúcar e café, atraiu piratas e corsários ingleses e franceses que navegavam pelas costas daquele litoral, praticando escambo com índios e aproveitando o descuido de embarcações portuguesas para realizar os saques.

O centro comercial e turístico da Ilha é representado pela enseada do Abraão, local que concentra o maior número de



pousadas e hotéis para hospedagem dos visitantes. Dali se pode conseguir barcos que conduzirão o "povo de fora" para um contato marcante com a natureza, passando pelas enseadas de Palmas e Lopes Mendes. Esta última, inclusive, é recheada de areia fina e incrivelmente branca, sendo considerada uma das mais bonitas da região e uma das poucas a permitir a prática do surfe. A prefeitura de Angra dos Reis calcula que em Ilha Grande existam pelo menos 60 pousadas, 40 no Abraão e 20 em outras praias.

## Atrações A Ilha Grande oferece a-

trações para atender das mais simples às mais sofisticadas preferências. Desde passeio de saveiro a R\$ 10,00 até restaurantes onde se pode receber uma massagem de shiatsu entre um gole e outro de champanhe. Na região voltada para o continente, o visitante poderá conhecer enseadas de mar absolutamente tranqüilo e repletos de pequenas praias. Na praia Vermelha, por exemplo, parada obrigatória é a pousada-restaurante que funciona em uma velha fábrica de beneficiamento de sardinha (antigas salgas). Na praia Longa, passando pelas enseadas de Araçatiba e Sítio Forte, o espetáculo de cachoeiras descendo do alto da serra faz bem aos olhos de qualquer mortal. Neste lugar encontra-se um restaurante onde se pode saborear uma succulenta moqueca de arraia, entre as mais de 20 opções de um cardápio típico. Uma esticade na Freguesia de Santana permite ao turista conhecer uma igreja fundada em 1796.

O patrimônio ambiental de Ilha Grande é um san-

tuário natural da flora e da fauna típicas da Mata Atlântica. Duas esferas de proteção ao meio ambiente atuam na Ilha, com o funcionamento do parque estadual da Ilha Grande, administrado pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) e a Reserva Biológica da Praia do Sul, sob a administração da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feema).

Segundo o historiador Rozemberg Silva, do Rio de Janeiro, a presença do IEF e da Feema na região tem sido fundamental para preservar a Ilha Grande da prática predatória do turismo desordenado e tão comum no desenvolvimento econômico costeiro. A poluição de nascentes e praias, provocada em sua maioria pelo aumento da população flutuante durante a temporada de férias, vem tirando o sono dos moradores das vilas. Para se ter uma idéia do efeito dessa ocupação, no carnaval de fevereiro de 98, apenas na enseada



Abraão, foram quase 15 mil visitantes. No feriado da Páscoa, esse número chegou perto de 10 mil - mais do que o dobro da população fixa local, que beira a casa dos quatro mil. Criado no Abraão, o bloco do lixo foi a saída encontrada

para que o crescimento desenfreado de Ilha Grande não agrida a região em termos ecológicos. Um dos objetivos é o de sensibilizar o turista para a necessidade da coleta seletiva e da preservação do meio ambiente. Em junho, conforme noticiado pelos jornais cariocas de grande

circulação, a prefeitura de Angra dos Reis apresenta às comunidades locais o Plano Diretor de Turismo, que aponta para a exploração econômica com o ecoturismo. A região possui um posto de saúde 24 horas modelar, como não se encontra igual nem na cidade do Rio de Janeiro.

Medidas como essa revelam que o desenvolvimento do turismo é uma necessidade premente para a economia de Ilha Grande. O motivo é que, devido à prática da pesca predatória, a piscosidade das águas vem decaindo ano a ano. A população local só tem a ganhar com o ordenamento desse turismo ecologicamente desenvolvido. E o meio ambiente agradece.

A fauna e a flora são os santuários da região



# Extinção

*O tráfico de animais silvestres, estimado R\$ 700 milhões/ano, ameaça a fauna brasileira, que perde 12 milhões de espécies todos os anos*

**D**a época dos dinossauros até hoje, inúmeras espécies animais foram extintas da face da terra. A diferença é que antes os desaparecimentos davam-se por causas naturais e hoje acontecem por conta da ação de uma outra espécie: o homem.

há alguns milhares de anos existiam tantos animais e plantas que a interferência humana não chegava a representar uma ameaça às espécies, hoje a realidade é bem outra. Em todo o mundo, somos mais de cinco bilhões de pessoas cujas necessidades e práticas estão encolhendo drasticamente a população de inúmeras espécies animais, plantas e outros organismos vivos do planeta. Só no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), existem atualmente 218 espécies de animais condenadas ao desaparecimento, se nada for feito para protegê-las.

De acordo com o "Atlas do Meio Ambiente do Brasil" publicado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), os quatro países mais ricos em biodiversidade global são Brasil, Colômbia, México e Indonésia.

No Brasil, vivem três mil espécies de vertebrados terrestres, três mil de peixes de água doce, 517 espécies de anfíbios e 61 de primatas. Grande parte dos insetos - 10 a 15 milhões de espécies, a maioria desconhecida - se encontra também em nosso país.

O Brasil disputa com o México o segundo lugar em número de espécies de mamíferos (450); ocupa a terceira posição em número de espécies de pássaros (1.622); e a quarta em espécies de répteis (467).

Muitas dessas espécies estão se extinguindo pelo processo de exploração da madeira, de minérios e do petróleo, pela incrementação da agricultura e da pecuária e pelo avanço da indústria e de outras atividades que levam à destruição de seus habitats. A eliminação de ecossistemas naturais e o tráfico de animais são tidos por entidades ambientalistas como o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) como sendo as duas principais ameaças à vida silvestre.

O caçador fez da pinta da onça o seu alvo e o fogo tirou do macaco o galho no qual costumava pular. A derrubada do cerrado encurrala o lobo-guará. A destruição da Mata Atlântica vem reduzindo o mico-leão-dourado à condição de símbolo dos animais brasileiros ameaçados de extinção.

Animais que vivem na água, como a

As espécies ameaç





fotos: Paulo Lúcio

as enfrentam um jogo cruel: quanto mais raras, maior o seu valor

# Apesar da lei, cresce o número de animais em cativeiro

A compra, venda, criação ou qualquer outro negócio envolvendo animais silvestres são crimes inafiançáveis.

A Lei nº 7.653, de fevereiro de 88, passou a considerar tais contravenções como crimes, dividindo-os em dois grupos: as desobediências aos artigos 2º, 3º, 17º e 18º, cujas penas variam de dois a cinco anos de reclusão, e o descumprimento aos artigos 4º, 8º, 10º e 14º, punidas com penas de um a três anos de reclusão.

Antes, a Lei de Proteção à Fauna, editada em janeiro de 1967, já considera os animais, seus ninhos, abrigos e criadouros naturais propriedade do Estado.

Os levantamentos do Ibama indicam que apenas 10% dos animais silvestres colocados em cativeiro sobrevivem. A maioria morre simplesmente porque se recusa a comer. São raros os que mantêm a capacidade de reprodução.

As entidades ambientalistas sustentam que a maioria das pessoas que compram animais silvestres acaba se desfazendo deles mais tarde por conta do trabalho que dão os bichos ou por não ter mais condições de ficar com eles. Muitos desses animais são levados aos zoológicos para doação, mas não são aceitos, pois em muitos casos já há superlotação.

O animal em cativeiro perde a capacidade de caçar seu alimento, de se defender dos predadores ou de se proteger das situações adversas. Se forem libertados, mesmo em locais propícios, dificilmente irão sobreviver.

Quem já possui um animal silvestre em casa, o melhor que tem a fazer é cuidar bem dele e nunca mais comprar outro.

capivara e o jacaré, estão com sua sobrevivência ameaçada pelas águas poluídas de agrotóxicos que descem para os rios, sobretudo os do Pantanal mato-grossense. A poluição ameaça também os peixes, outra grande riqueza da fauna brasileira.

**Tráfico** Os ambientalistas estimam que o tráfico de animais silvestres no Brasil movimentaria algo em torno de R\$ 700 milhões por ano. Estariam sendo retirados de nossas selvas uma média anual de 12 milhões de animais, sendo que apenas 10% deles sobrevivem.

A regra do jogo é cruel: quanto mais raro for o animal, maior é o preço a ser pago por ele, o que faz dos animais em extinção os mais co-

biçados. O Ibama conta com pouco mais de mil pessoas para o trabalho de fiscalização em todo o país, sendo que para cada uma das divisões espalhadas pelos 27 estados a média é de três funcionários. Segundo Raul Gonzalez Acosta, do departamento de fiscalização, está sendo implantado pelo órgão, há um ano, um programa nacional com "nova concepção" de combate ao tráfico de animais dentro do próprio país e para o exterior. "Trata-se de uma nova estratégia baseada na identificação dos fluxos e das rotas, chegando aos depósitos e áreas de apanha, a partir do uso de técnicas de inteligência", explica o fiscal.

Estão sendo criados pelo Ibama, zoológicos, universidades e centros de pesquisa, o comitê de manejo de animais em extinção. Já existem o do mico-leão (dourado, cara preta e cara dourada), das araras-azuis, do lobo-guará, dos pequenos felinos brasileiros e da ararajuba. Está sendo estruturada também uma "rede nacional contra o tráfico" envolvendo ONGs e colaboradores, cuja coordenação está a cargo da Sociedade Mata Viva.



# ANATOMIA DE UM CANDIDATO

**Olho direito**  
*aberto para reeleição*

**Olho esquerdo**  
*fechado para as pesquisas de opinião*

**Nariz**  
*para sentir o cheiro de coligação à distância*

**Livro**  
*O Capital*

**Lista das melhores de Maquiavel**  
*só as que foram usadas neste governo*

**Topete**  
*para encarar a massa de desempregados*



**Cérebro lado direito**  
*acha que é de esquerda*

**Cérebro lado esquerdo**  
*é de direita*

**Presas**  
*Deus me livre descobrir para quê*

**Relógio**  
*com fuso horário de Londres*

**Linha direta**  
*com Antônio Carlos Magalhães*

**Sapato de candidato**  
*surrado, de tanto andar pelo interior*

**Sapato de presidente**  
*novinho, de tanto ficar sentado em vôos internacionais*



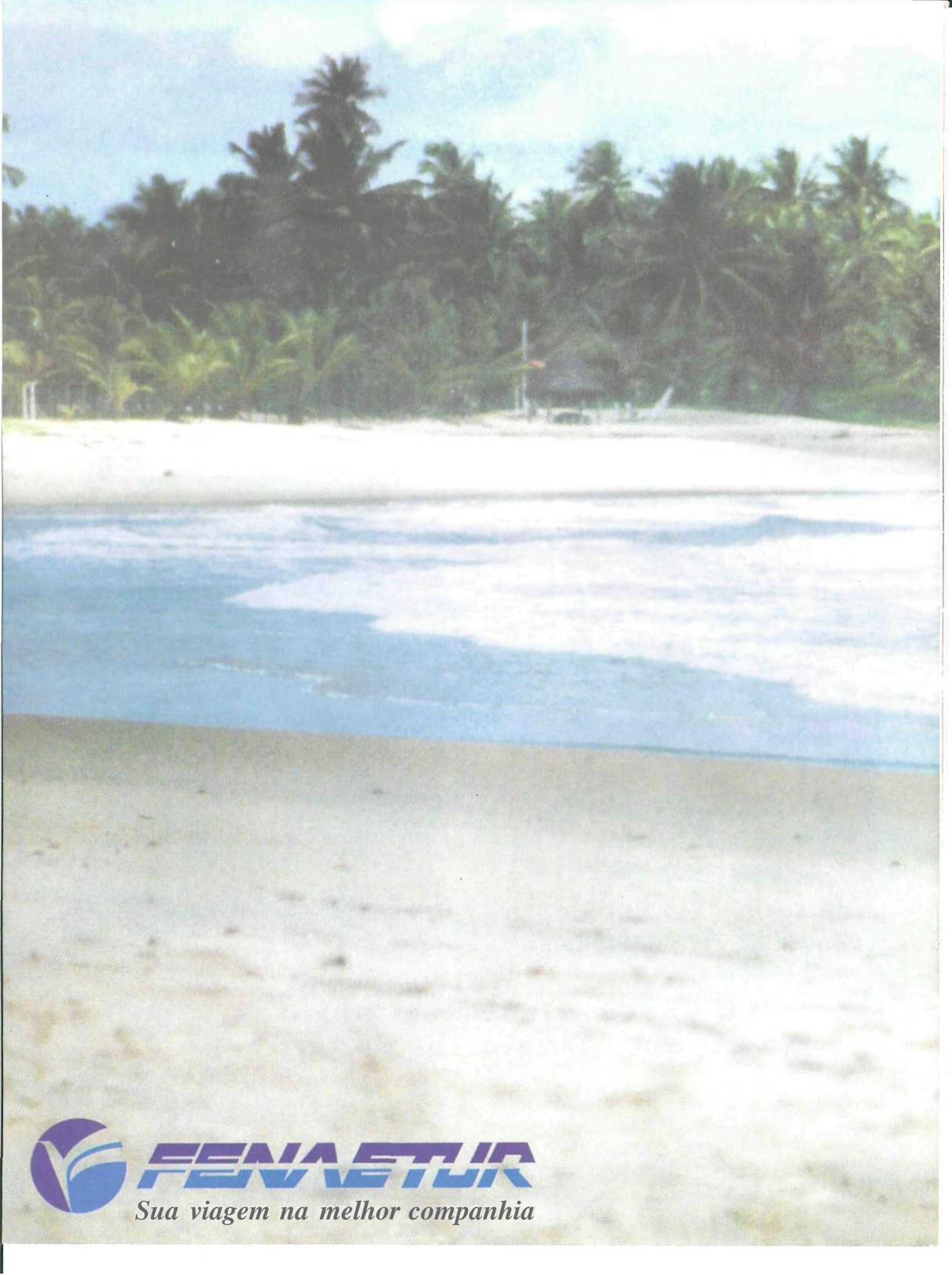
**Gesto de campanha**  
*promessas vazias*



**Gesto de ação governamental**  
*estende a mão para banqueiros*



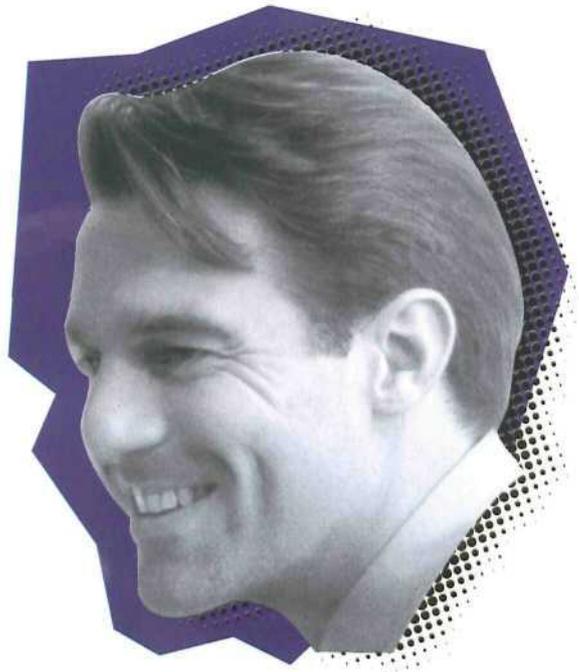
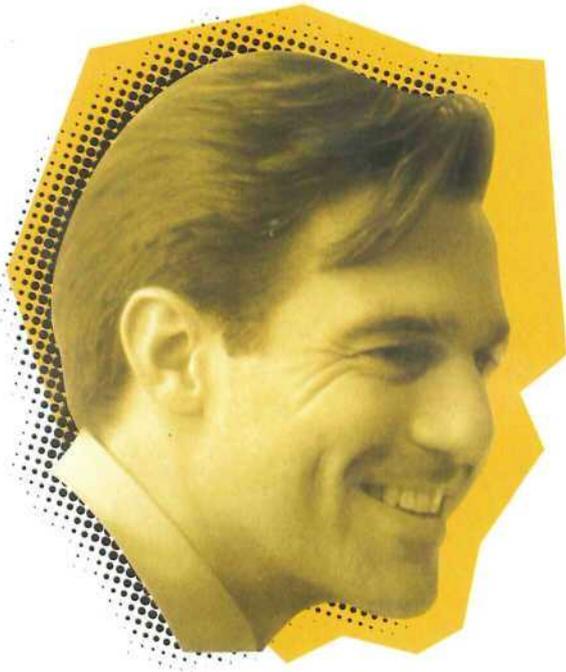
**Gesto para o povo**  
*adeus ao seu emprego*



**FENIA ETIA  
FEVETUR**

*Sua viagem na melhor companhia*

Existem dois bons motivos para  
você vender os nossos seguros:



**VOCÊ & VOCÊ.**

**O seguro  
FENAE dá  
comissões  
para você.**

**A FENAE  
também dá  
benefícios  
para você.**

**Se vocês ainda têm dúvidas,  
façam o teste do espelho.**

**SASSE FÁCIL**

**VIDAZUL**

**MULTIRISCO**

**AZULCAR**

**FENAE  
SEGUROS**